

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Sílvia Beatriz Machado Martinato

**A REPRESENTAÇÃO DA BIBLIOTECA ESCOLAR PARA A ESCOLHA
PROFISSIONAL: um estudo de caso com os alunos de Biblioteconomia da
UFRGS**

Porto Alegre
2017

Sílvia Beatriz Machado Martinato

**A REPRESENTAÇÃO DA BIBLIOTECA ESCOLAR PARA A ESCOLHA
PROFISSIONAL: um estudo de caso com os alunos de Biblioteconomia da
UFRGS**

Trabalho de Conclusão de Curso
elaborado como pré-requisito para
obtenção do título de Bacharela em
Biblioteconomia da Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande
do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eliane
Lourdes da Silva Moro

Porto Alegre
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitor: Jane Fraga Tutikan

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Karla Maria Müller

Vice-Diretora: Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Chefa: Jeniffer Alves Cuty

Chefa Substituta: Eliane Lourdes da Silva Moro

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Coordenador Substituto: Rene Faustino Gabriel Júnior

CIP - Catalogação na Publicação

Martinato, Sílvia Beatriz Machado

A representação da biblioteca escolar para a
escolha profissional: um estudo de caso com os
alunos do curso de Biblioteconomia da UFRGS / Sílvia
Beatriz Machado Martinato. -- 2017.

75 f.

Orientadora: Eliane de Lourdes da Silva Moro.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de
Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Curso de Biblioteconomia. 2. Universidade
Federal do Rio Grande do Sul. 3. Representação
Cognoscitiva. 4. Estudo de Caso. 5. Biblioteca
Escolar. I. Moro, Eliane de Lourdes da Silva,
orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Departamento de Ciência da Informação
Rua Ramiro Barcelos, 2705 – *Campus Saúde* – Bairro Santana
CEP: 90035-007
Porto Alegre/RS
Tel.: (51) 3308 5067
E-mail: fabico@ufrgs.br

Sílvia Beatriz Machado Martinato

**A REPRESENTAÇÃO DA BIBLIOTECA ESCOLAR PARA A ESCOLHA
PROFISSIONAL: um estudo de caso com os alunos de Biblioteconomia da
UFRGS**

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado
como pré-requisito para obtenção do título de
Bacharela em Biblioteconomia da Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Examinado em ____ de _____ de 2017.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Eliane Lourdes da Silva Moro
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
(Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Maria do Rocio Fontoura Teixeira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
(Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Lizandra Brasil Estabel
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
(Examinadora)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus. Ele sabe o quanto foi difícil adiar esse sonho por tanto tempo, mas também sabe e entende meus motivos para tê-lo feito. Também foi Ele que me deu muita força para retomar o estudo, acalmando meu coração todas as vezes que eu ameaçava cair. Tombei muito, mas não caí!

Dedico este trabalho também à minha família, principalmente ao meu pai, Sergio, minhas manas lindas e minhas futuras dindas de casamento, Luísa e Márcia, meus cunhados e também meus futuros dindos de casamento, Ricardo e Rafael, e meus sobrinhos lindos, Juliana (uma das crianças mais espertas que já conheci), Pedro (meu afilhado amado) e Isabela (que está a caminho e eu ansiosa para conhecê-la). Todos eles, sem exceção, foram fatores determinantes, onde o amor recebido por eles foi a força mais preciosa que tive, mesmo que talvez nem saibam disso. Dedico especialmente à minha mãe (*in memoriam*) e peço desculpas por não ter dado a satisfação dela poder assistir, ainda em vida, esse momento tão especial para mim. Mãe, Deus reservou um lugar especial para que tenhas uma visão privilegiada desse momento: estará ao meu lado e dentro do meu coração e do meu pensamento. Tenho certeza de que és meu anjo da guarda agora e através do teu contato direto com o Homem Lá de Cima, me protege e me guia sempre!

Dedico este trabalho também à minha segunda família, “os Cassol”: aos meus sogros, Elvia e Lino, que de maneira incondicional me proporcionaram meios para que eu me mantivesse tranquila e focada em meus objetivos, fazendo por mim muito mais do que faço por eles. À minha futura dinda de casamento, Mari, por fazer a famosa “comida reconfortante”, por seu bolo de fubá maravilhoso, por seu jeito irreverente e tímido, mas uma amiga leal como poucas pessoas nesse mundo. À essa família dedico este trabalho como o meu mais sincero agradecimento por tudo o que fazem por mim e por cuidarem de um dos meus melhores presentes: Paulo Giovani, meu noivo querido e amado, que sempre me deu força, me apoia, me ajuda e sempre se mostra compreensivo nas situações mais adversas. Meu amor, a expectativa de termos uma vida feliz, com certeza foi um dos maiores motivos para eu não desistir deste sonho. E eu te amo muito!

Por fim, mas não menos importante, dedico este trabalho também a Luciano Souto, hoje meu gerente no trabalho, mas que todos sabem que foi a flexibilidade e a empatia dele em entender o quanto era importante para mim esse processo, que permitiu que eu terminasse meus estudos. Após tantas dificuldades enfrentadas, e tantas pessoas que por um motivo ou outro não permitiram que eu pudesse me dedicar aos meus estudos, essa pessoa nunca criou empecilhos e foi uma das primeiras, além da minha família, a me incentivar e me dar os subsídios para terminar esta etapa. De verdade, Souto, muito obrigada pela força que talvez tu nem saibas o quão importante foi!

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Eliane Moro, por toda segurança que me passou em todos os momentos, principalmente quando meu projeto inicial não pôde ter continuidade por questões alheias à nossa vontade. Sem a senhora, esse trabalho não teria chegado ao ponto que chegou e sequer seria apresentado. Mais do que uma orientadora, és uma amiga que, de forma doce, conseguiu fazer com que até as notícias mais duras de serem ouvidas se tornassem quase como um abraço.

Aos sujeitos desta pesquisa que disponibilizaram seu tempo para eu alcançasse o êxito pretendido também deixo o meu mais sincero agradecimento. Em especial, destaco a Adriana, aluna do primeiro semestre da Biblioteconomia, pois de maneira incansável me ajudou a encontrar parte das pessoas para entrevistar neste estudo. Adriana, sempre lembrarei da tua ajuda como uma das partes fundamentais para o sucesso deste trabalho. E é claro, pode contar comigo!

À minha família e à família Cassol, que além de dedicar este trabalho eu também agradeço por todo apoio dado e por reuniões tão gratificantes. Estar junto de vocês vale mais do que qualquer palavra! Em especial ao meu noivo, Paulo Cassol... obrigada, amor, por toda a paciência e por ser tão especial na minha vida!

Agradeço aos meus colegas de trabalho, Moreira, Schell, Mônica e Letícia pelas risadas e brincadeiras. Esses momentos deixavam a minha tensão de lado e permitiram espairar mesmo que por minutos.

O meu muito obrigada aos colegas, amigos e futuros padrinhos de casamento, Nahyane, Baldasso, Sias e, apesar de não ser colega no trabalho, mas é colega nas artes, à Simone, pelas frases engraçadas e cheias de humor inteligente. Vocês são o máximo e por isso estão num pedacinho ainda mais especial do meu coração.

Aos lugares em que trabalhei, às bibliotecas, à UFRGS... Agradeço especialmente à Fátima e ao André (ambos da BibEco), bibliotecários que além de amigos muito queridos e que são lembrados com grande nostalgia, são exemplos de ética e profissionalismo (exemplos os quais quero sempre seguir).

O meu muito obrigada também a quem tentou impedir esse momento: essas pessoas me deram uma força incondicional de continuar e mostrar que, mesmo com todas as adversidades impostas, eu consegui!

A todos amigos, família, colegas e outras pessoas que eu possa ter esquecido. Cada um sabe a importância que teve, não apenas neste trabalho, mas na minha evolução como ser humano.

O meu muito obrigada de coração!

Nas grandes batalhas da vida, o primeiro passo para a vitória é o desejo de vencer.
A alegria está na luta, na tentativa, no sofrimento envolvido e não na vitória propriamente dita.
Quem sabe concentrar-se numa coisa e insistir nela como único objetivo, obtém, ao fim e ao cabo, a
capacidade de fazer qualquer coisa. (Mahatma Gandhi)

“Vamos lembrar: um livro, uma caneta, uma criança e um professor [ou bibliotecário] podem mudar
o mundo.”
(Malala Yousafzai)

RESUMO

Este estudo de caso, de abordagem quali-quantitativa, pretende identificar a representação da biblioteca escolar para a escolha do curso de Biblioteconomia na formação profissional dos alunos de Biblioteconomia da UFRGS através de suas narrativas de experiência como usuários da biblioteca. Apresenta um panorama geral sobre leitura, biblioteca escolar, bibliotecário atuante na biblioteca escolar e Representação Cognoscitiva. Analisa os dados coletados através da entrevista e finaliza as considerações finais apresentando os resultados do estudo e respondendo cada ponto proposto no problema de pesquisa, através do objetivo geral e objetivos específicos, identificando as contribuições da biblioteca escolar na escolha pela formação em Biblioteconomia.

Palavras-chave: Biblioteca Escolar. Representação Cognoscitiva. Estudo de Caso. Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RESUMEN

Este estudio de caso, de abordaje cuantitativo y cualitativo, pretende identificar la representación de la biblioteca escolar para la elección del curso de Biblioteconomía en la formación profesional de los alumnos de Biblioteconomía de la UFRGS a través de sus narrativas de experiencia como usuarios de la biblioteca. Presenta un panorama general sobre lectura, biblioteca escolar, bibliotecario actuante en la biblioteca escolar y Representación Cognoscitiva. Se analiza los datos recogidos a través de la entrevista y finaliza las consideraciones finales presentando los resultados del estudio y respondiendo cada punto propuesto en el problema de investigación, a través del objetivo general y objetivos específicos, identificando las contribuciones de la biblioteca escolar en la elección por la formación en Biblioteconomía.

Palabras-clave: Biblioteca Escolar. Representación Cognoscitiva. Estudio de caso. Curso de Biblioteconomía de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Diagrama 1 – Principal Finalidade de Utilização da Biblioteca Escolar	50
Imagem 1 – Localização dos campi da UFRGS em Porto Alegre.....	39
Imagem 2 – Localização dos campi da UFRGS fora de Porto Alegre	39
Imagem 3 – Localização do Campus da Saúde/UFRGS.....	41
Imagem 4 – Fachada da Fabico/UFRGS	42
Imagem 5 – Proporção de Sujeitos da Pesquisa Com Formação Superior ..	44
Gráfico 1 – Mediação de Leitura: profissional atuante	54
Gráfico 2 – Nível de Satisfação para as Necessidades Informacionais	57
Gráfico 3 – Frequência no Auxílio às Buscas de Materiais na Biblioteca	58
Gráfico 4 – Frequência Com Que Encontrava os Livros Preferidos	60
Gráfico 5 – Classificação dos Livros Significativos Durante a Trajetória Escolar dos Sujeitos	62

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 – Relação dos Sujeitos dos Estudo e Suas Características	43
--	-----------

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DCI	Departamento de Ciências da Informação
Enade	Exame Nacional de Avaliação de Desenvolvimento do Estudante
Fabico	Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
IBBD	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IGC	Índice Geral de Cursos
Inep	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MEC	Ministério da Educação
Mercosul	Mercado Comum do Sul
PPGCOM	Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação
RS	Rio Grande do Sul
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UI	Unidade de Informação
UNESCO	<i>United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization</i> (Organização das Nações Unidas para a

Educação, a Ciência e a Cultura)

UPA

Universidade de Porto Alegre

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 A LEITURA	19
3 BIBLIOTECAS ESCOLARES	22
4 REPRESENTAÇÃO COGNOSCITIVA	27
5 O BIBLIOTECÁRIO: QUEM É ESSE PROFISSIONAL?	31
6 METODOLOGIA DO ESTUDO	34
6.1 TIPO DE PESQUISA.....	34
6.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	36
7 CONTEXTO DO ESTUDO	38
8 SUJEITOS DA PESQUISA	43
9 APRESENTAÇÃO DA ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS	45
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	69
APÊNDICE A – Roteiro da Entrevista Semiestruturada	74
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	75

1 INTRODUÇÃO

Muito se fala sobre a importância de um profissional capacitado para tratar os diferentes tipos de informação, assim como promover a disseminação de informações e conhecimentos. Nesse ponto, o profissional bibliotecário tem ganhado destaque expressivo no que tange sua competência agregadora, ou seja, a capacidade de inserir-se nas diferentes comunidades moldando-se às necessidades daquele local. No entanto, tudo o que se descreveu acima parece não se encaixar quando fala-se de bibliotecas escolares e pior ainda se restringirmos apenas às públicas. É notório que a crise financeira do país tem apresentado *déficits* grandiosos, afetando diretamente a Educação. Seja por recursos financeiros escassos, seja porque o profissional que cuida da biblioteca não está habilitada para tal atividade, a educação tem sido negligenciada por diversos governantes há anos. Prova disso é que, apesar de haver a exigência, conforme Lei 12.244/2010¹, de uma biblioteca escolar em cada escola, tanto de ensino privado quanto médio e, conseqüentemente, a valorização do profissional, pouco se ouve falar que tal profissional exerça suas atividades no Ensino Básico. Isso vai de encontro ao desenvolvimento, pois alunos do ensino público aprendem apenas na universidade (isso quando chegam até ela) o que eles já deveriam desenvolver desde o início de sua vida estudantil: dar os créditos a autores utilizando ao menos o mínimo de informações para que a obra seja localizada, saber onde e como fazer buscas de informação a fim de agregar mais aos trabalhos de escola ou localizar assuntos de interesse pessoal, além de desenvolver habilidades que poderiam elucidar qual profissão seguir, por exemplo. Por isso, é necessário que a educação como um todo, mas principalmente do ensino público seja vista com olhos mais atentos a fim de garantir profissionais realizados e competentes atuando em diversas áreas do conhecimento e prestando serviços cada vez mais voltados ao próximo.

Porém, infelizmente o contexto de bibliotecas escolares no Brasil não é dos melhores. A falta de profissionais qualificados para gerir e desenvolver os acervos e programas dessas unidades de informação (UI) acaba resultando em alunos muitas vezes desmotivados e sem percepção holística, já que acabam entendendo o

1 Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm>. Acesso em 03 jan. 2017.

conhecimento em partes e não como um todo. Como dito anteriormente, esses efeitos são perceptíveis principalmente no ensino público, onde os recursos financeiros e humanos são muitas vezes escassos e que, por conta disso, podem acompanhar as escolhas desses alunos ao longo de suas vidas.

Por conta de tudo o que foi exposto, verifica-se a necessidade de criar e manter projetos voltados a atender os alunos e a comunidade onde as bibliotecas escolares estão inseridas, mostrando que não é apenas a leitura um fator determinante para o desenvolvimento de um aluno, mas a inserção dessa unidade de informação em seu contexto: a biblioteca deve estar inserida na comunidade fazendo parte dela e não ser encarada como um ponto de isolamento exclusivo aos “mais cultos” ou, ainda, ser vista como um pedestal, com troféus (livros) inalcançáveis. A biblioteca escolar deve integrar alunos, professores, pais e comunidade a fim de desenvolver a cultura local e influenciar positivamente nas escolhas dos seus alunos, mesmo que, e principalmente se, esta integração extrapolar as paredes e o acervo dessa UI.

Consequentemente, são as memórias e os conhecimentos adquiridos ao longo da trajetória escolar (e, claro, suas vivências fora da dela também) que influenciam, dentre outros aspectos, nas escolhas e na atuação profissional dos alunos. É dessa forma que se entende que a biblioteca escolar pode influenciar drasticamente no futuro profissional dos integrantes da comunidade escolar a qual pertence. Por isso, é importante que as escolas, principalmente de Ensino Básico, tenham programas e iniciativas ligadas diretamente às atividades de desenvolvimento da biblioteca escolar, integrando comunidade escolar e todos os nichos onde ela está inserida.

Expostas as ideias acima, o presente estudo justifica-se pela importância em demonstrar o quanto a biblioteca escolar pode ou não influenciar a escolha profissional de seus usuários. Sejam pelos projetos de estímulo à leitura ou mesmo pelo espaço sequer ficar aberto, a biblioteca escolar pode, sim, exercer papel fundamental na formação cultural e profissional de um aluno. E o que dizer desse papel quando se trata de bibliotecários ou acadêmicos do curso de Biblioteconomia? Fazer a escolha por uma profissão que ainda hoje é cercada de visões preconceituosas depende de um pouco de coragem pelo aluno que decide pelo menos se arriscar a descobrir como que um profissional pode “saber tanto de tudo”. Seja pelos alunos que ingressam querendo desmistificar os olhares negativos

acerca da profissão de bibliotecário, seja pelo simples fato de querer aliar trabalho com o prazer da leitura, parece tão claro dizer que um pré-requisito não imposto, mas óbvio, é o prazer pela leitura.

Por isso, entende-se que este trabalho pode contribuir no sentido de evidenciar a importância da biblioteca escolar ao longo da vida dos alunos no que tange suas escolhas e atuação profissional. Diante disso, propõe-se um problema de investigação baseado em uma pergunta central que é **“Qual a representação da biblioteca escolar para a escolha do Curso de Biblioteconomia na formação profissional dos alunos de Biblioteconomia da UFRGS através de suas vivências de leitura como usuários da biblioteca?”**.

Para que essa pergunta seja respondida, foi necessário traçar objetivos, sendo um geral e quatro específicos. O objetivo geral é verificar o significado atribuído pelo aluno durante a formação escolar como motivação para o curso de Biblioteconomia através das narrativas de experiências como usuários de bibliotecas escolares. Os objetivos específicos são: identificar os serviços oferecidos pelas bibliotecas onde os acadêmicos de Biblioteconomia da UFRGS entrevistados estudaram que contribuíram em sua formação; interagir com os sujeitos do estudo por meio de entrevista para coleta de dados; analisar as motivações encontradas por eles para a escolha do curso e avaliar os contrastes e contribuições das bibliotecas escolares na opção pela Biblioteconomia.

Para embasar o estudo, foi necessário buscar na literatura científica materiais que tratassem sobre as Bibliotecas Escolares, Leitura, as Representações (principalmente cognoscitivas) a fim de traçar um perfil para o profissional bibliotecário. Após esse embasamento, para coleta de dados, foi aplicada a entrevista semiestruturada em 10 (dez) alunos devidamente matriculados no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com a finalidade de entender a trajetória escolar e a influência que a biblioteca escolar teve em sua escolha profissional.

2 LEITURA

O sentido de leitura é muito amplo. Pode-se entender que a leitura é tudo aquilo que, de alguma, forma passa a fazer sentido, mesmo não se utilizando de escritas formais. No entanto é comum encontrarmos a conceituação sempre voltada à escrita, ou seja, ao conjunto de palavras que formam uma ideia ou um nexos. Exemplo disso está no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009, p.1167), onde a leitura é definida como:

1. Ação ou efeito de ler. 2. Ato de aprender o conteúdo de um texto escrito. 3. Ato de ler em voz alta. 4. Hábito [grifo nosso] de ler. 5. O que se lê. 6. Conjunto de obras lidas. 7. Maneira de compreender, de interpretar um texto, uma mensagem, um acontecimento. 8. Ato de decifrar qualquer notação, o resultado desse ato. 9. Fis. Registro do valor de uma grandeza obtido com um instrumento de medida. 10. Téc. Decodificação, obtenção de dados de um dispositivo de memória, de um meio de armazenamento ou de outra fonte

No destaque feito na palavra “hábito”, vale a reflexão: essa palavra é tão comumente utilizada para caracterizar as pessoas que praticam a leitura frequentemente. Ora, se a prática é frequente, salvo em raríssimos casos, a leitura deixou de ser um hábito e passou a ser (ou sempre foi) um prazer. Infelizmente, o uso dessas palavras inadequadas já cria, mesmo que de forma inconsciente, a característica de algo obrigatório, como se a leitura fosse algo puramente técnico ou como se não houvesse possibilidade de prazer nela.

Levando em consideração que leitura não é apenas decifrar um emaranhado de letras, pode-se afirmar que leitura também é quando entendemos uma situação que acontece na rua, quando conseguimos entender a essência que um artista quis colocar em sua obra de arte ou quando, através de gestos ou de uma expressão facial, podemos nos comunicar mesmo que se fale um idioma diferente. Em consonância a isso, Almeida Júnior (2007, p.33), entende de uma forma mais profunda a leitura quando a define:

Ler é decodificar palavras; ler é o processo que permite a relação entre nós e o mundo; a leitura nos proporciona o conhecimento; a realidade só se apresenta integralmente por meio da leitura; a leitura, assim como a escrita, é a expressão máxima da inventividade, da

criatividade e da intelectualidade do homem; a leitura nos leva a uma viagem pelo imaginário; ler é se apropriar do acervo de conhecimentos e experiências da humanidade; a leitura é a possibilidade da fruição do belo, da estética; ler é se nutrir da tradição e da memória do homem; a leitura é proeminentemente prazer; a leitura é a representação maior da virtualidade; ler é caminhar pelos espaços do sonho; a leitura possibilita a vivência momentânea dos desejos, das vontades e dos anseios reprimidos ou impossíveis de serem concretamente realizados; a leitura permite ser o outro, estar no outro; ler é se apropriar de um dos mais importantes instrumentos de opressão, a escrita.

E nesse sentido, o bibliotecário de bibliotecas escolares tem papel fundamental no processo de aprendizado, já que ele também é um educador, instigando os alunos a novos conhecimentos e, conforme Saltini (1997), é no educador em quem esses alunos depositarão sua confiança e construções diárias, tomando assim, o gosto pelo conhecimento. Por esse motivo é que quanto mais cedo o aluno, seja criança, adulto ou adolescente, tiver contato com a leitura e, o mais importante, uma leitura prazerosa, maiores são as suas chances de se tornarem seres críticos capazes de formular suas próprias opiniões, desenvolvendo sua inteligência simbólica. E não importa o tipo de leitura: para ser um ser humano crítico, no sentido de ter condições de formar as próprias opiniões, é necessário que a leitura seja feita nos mais diversos níveis e suportes. Consonante a isso, Foster (2015, *documento não paginado*) explica o fato do Brasil ainda não ser considerado um país com leitores críticos, afirmando que:

Todos os especialistas lembram, sem exceção, que o processo de leitura – de literatura, principalmente – estimula habilidades cognitivas. [...] Sem elas, é difícil praticar ações como se colocar no lugar do outro, pensar em soluções criativas para problemas do dia a dia, ir a fundo em debates éticos, apresentar como argumento fatos de outras épocas e lugares. Em resumo, ao não ler, o Brasil se torna um país raso. Segundo Diego Grandó, o brasileiro tem dificuldade de aceitar outros pontos de vista, muito por culpa dessa falta de leitura porque colocar-se no lugar de outra pessoa é um ato de imaginação, adotar outros pontos de vista exige desprendimento intelectual. O texto escrito é um suporte para o desenvolvimento do raciocínio complexo, e não é à toa que a filosofia se assentou quando foi escrita.

Seja através de atitudes, de imagens, de escrita ou de outros tipos de expressão, a leitura vai muito além do papel e tinta. A leitura é compreender o que diz ou o que se mostra, mesmo que através de nossas vivências, as opiniões sejam

distintas, afinal, faz parte do ser humano não ser unânime e é isso que possibilita o desenvolvimento das ciências e de outras áreas. Para entender a leitura é necessário perceber que

O texto, nas suas linhas e entrelinhas, é o que interessa no processo de leitura, por isso ler começa na compreensão do que diz o texto e tem como ápice a identificação da estrutura ou o reconhecimento dos mecanismos retóricos do texto. Dessa forma, em sua visão mais básica, a leitura é, antes de qualquer coisa, um processo de decifração do texto, de decodificação daquilo que o texto diz. Nos casos mais elaborados, ler é desvelar o texto em sua estrutura, tal como se observa na proposta hoje comum nos manuais de literatura de se analisar um texto poético a partir das camadas sonoras, lexical e imagística com que é constituído. Ler é analisar o texto. (COSSON, 2014, p.37)

E para que essa atividade de leitura seja desenvolvida de forma plena, é necessário não apenas um livro, mas alguém que possa fazer o intermédio entre as folhas escritas e o receptor da mensagem. Neste sentido, a biblioteca escolar tem um papel importantíssimo, pois é ela, juntamente com os pais e a comunidade escolar, que dará os primeiros passos e estruturará o pensamento crítico de alunos. Dentro desta biblioteca, também é indicado um bibliotecário, para que faça o intermédio de conhecimentos dados em sala de aula, com o dia a dia do aluno, fazendo com que o aprendizado faça sentido para a vida daquele estudante, sendo que o sentido mencionado partirá das representações cognoscitivas realizadas, tema que será abordado mais a frente.

3 BIBLIOTECAS ESCOLARES

É incontestável que a aprendizagem proporcionada pelo Ensino Fundamental é um alicerce para a educação do ser humano em seu aspecto intelectual. É a partir dele que alguns valores são consolidados e por isso devem estar consonantes à educação recebida pelos pais e responsáveis em casa. Na verdade, mais do que apenas a formação intelectual, a escola proporciona o desenvolvimento social do ser humano, de forma que ele interaja com outras pessoas e, culturalmente, desenvolva suas noções de conjunto e de cidadania. No entanto, pouco se ouve falar que a biblioteca escolar é (ou pelo menos deveria ser) parte indissociável dessa formação, já que ela é a responsável pela integração entre alunos, professores e comunidade, configurando uma das principais responsáveis por atingir o desenvolvimento cultural e social da comunidade escolar. Diante dessa afirmação, Fragoso (2002, p.124) corrobora com a ideia por acreditar que:

Longe de constituir mero depósito de livros, a biblioteca escolar é um centro ativo de aprendizagem. Nunca deve ser vista como mero apêndice das unidades escolares, mas como núcleo ligado ao pedagógico. [O] Bibliotecário trabalha com os educadores e não apenas para eles ou deles isolados. Integrada à comunidade escolar, a biblioteca proporcionará a seu público leitor uma convivência harmoniosa com o mundo das idéias [sic] e da informação.

Por isso que Válio (1990) também entende que a biblioteca escolar é uma das faces diante de todas as atividades escolares desenvolvidas em sala de aula, devendo o bibliotecário ser considerado como um professor ou, então, peça importante nas atividades desenvolvidas por ele. Todas essas percepções são apoiadas pelo Manifesto da Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (IFLA/UNESCO), que acredita na biblioteca escolar como meio de promover serviços de apoio à aprendizagem aos membros da comunidade escolar, oferecendo a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios. (FEDERAÇÃO, 2002).

Vale lembrar que, conforme Moro & Estabel (2011, p.13) a biblioteca tem um papel mais impactante do que se imagina, quando falam que:

Na universidade poucos chegam, mas na escola circulam milhares, por isso a biblioteca escolar congrega um universo de usuários e de pessoas da comunidade do entorno da escola. Neste espaço universal e democrático, por onde circulam o aluno, o professor, o diretor, o bibliotecário, o funcionário, entre outros, o acesso à informação é a chave da inclusão de todos. A biblioteca escolar perpassa a linha do tempo, seja na memória de quem por ela passou, seja no presente de quem dela faz uso, seja no futuro para a geração que virá ou que ainda não chegou à escola.

Infelizmente, as bibliotecas (não apenas as escolares) ainda são vistas como locais seletivos, onde apenas os mais “inteligentes” ou financeiramente mais abonados tem o direito de frequentar. Talvez essa percepção tenha influência de um pensamento medieval, onde as bibliotecas eram vistas como lugares acessíveis apenas ao clero e à realeza, sendo consideradas locais sagrados que “protegem” objetos santificados e que apenas pessoas com estudo tinham o direito à compreensão do conteúdo e à interpretação dos livros. Obviamente os plebeus da época não tinham esse direito, já que em sua grande maioria eram analfabetos e, também, porque as bibliotecas encontravam-se quase que exclusivamente em mosteiros e palácios. Essas visões, retratam a visão avessa que é proposta pelas bibliotecas, especialmente as escolares, que dentre os objetivos propostos está a de “[...] prover acesso em nível local, regional, nacional e global aos recursos existentes e às oportunidades que expõem os aprendizes a diversas ideias, experiências e opiniões.”, além de “proclamar o conceito de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são pontos fundamentais à formação de cidadania responsável e ao exercício da democracia.” (FEDERAÇÃO, 2002, p.3). Infelizmente, não é raro a biblioteca ser um local inacessível, mesmo estando tão perto. Quando pensamos em escolas públicas, é difícil mencionar uma escola onde um profissional capacitado a gerir um acervo estivesse atuando, isso quando na hipótese da biblioteca ao menos permanecer aberta aos alunos e à comunidade. Pior do que criar uma curiosidade desnecessária nos alunos ao tentarem imaginar o que teria dentro daquela sala fechada que ninguém pode entrar, é perceber que a biblioteca escolar tradicionalmente pode ser palco de punições, bastando um aluno atrapalhar a aula do professor para ser encaminhado diretamente à mesma, evidenciando que ela tem pouca ou nenhuma utilização como espaço educativo e informacional (BARRETO, 2008), nutrindo uma aversão ao que deveria ser um ambiente acolhedor. No final, os

alunos que chegam a uma universidade descobrem quanto tempo e conhecimento foram perdidos pelo simples fato de não saberem efetuar uma busca consistente que agregasse a seus trabalhos, ou mesmo saber (mesmo que minimamente) dar os créditos aos autores de obras e citações utilizadas, para não falar o quão entediante uma faculdade ou curso se torna pela quantidade de leituras propostas pelos professores, já que não adquiriram o prazer da leitura e, menos ainda, o de frequentar um espaço que deveria oferecer subsídios para responder todas as dúvidas.

Por outro lado, não é o fato da biblioteca simplesmente ter as portas abertas que fará o aluno sentir-se estimulado a frequentá-la e fazer uso de seus serviços, pois não adianta as bibliotecas estarem de portas abertas e em locais acessíveis sem o profissional que possa fazer a integração disso. Segundo Barreto (2008, documento não paginado) “é imprescindível que a biblioteca [escolar] conte com um acervo rico e sempre atualizado e que a mesma possua uma estrutura adequada que atenda as necessidades dos usuários”. Essas necessidades são o grande desafio do profissional da informação que, além de detectá-las, deve estar apto a criar mecanismos que atendam essas demandas, de acordo com o meio e a tipologia da escola onde está inserida a Unidade de Informação (UI). É por esse motivo que o mais importante não é inflar o acervo de livros, mas que todo material doado ou comprado tenha sentido e utilidade para que não seja apenas preponderante no quantitativo em detrimento do qualitativo. É nesse sentido que a Indicação nº33/80 do Conselho Estadual de Educação (RIO GRANDE DO SUL, 1980, p.1) diz que a biblioteca escolar

[...] constituída de pequenas coleções de livros e outras publicações, zelosamente guardadas em recintos fechados, franqueadas aos usuários em horários limitados – tende a transformar-se em centro que reúne também outros recursos de comunicação, aberto em horários que permitem a sua plena utilização por alunos, professores e elementos da comunidade local como legítimo laboratório de aprendizagem.

Essas concepções que demonstram que a criação e o desenvolvimento de projetos voltados a atividades agregadoras ao aprendizado e que extrapolem os limites das paredes da escola também são ideias apoiadas pela IFLA/UNESCO por acreditarem que o bibliotecário atuante na biblioteca escolar deve

[...] propiciar informações e ideias fundamentais para o funcionamento bem-sucedido da atual sociedade, baseada na informação e no conhecimento. A Biblioteca Escolar habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis. (FEDERAÇÃO, 2002, p.1)

Dessa forma, o bibliotecário mostra-se mais uma vez como um agregador das atividades vistas em sala de aula a fim de que o aluno entenda a biblioteca escolar como uma ponte entre escola e casa, seja no livro levado para casa, seja na atividade de Hora do Conto envolvendo o conteúdo passado pelo professor em sala de aula, sejam nas atividades extraclasse que desenvolvem habilidades ou que garantam apoio nas dificuldades curriculares, entre outros. Assim, não é suficiente o professor ter a didática de ensino se o mesmo não dispõe de materiais ou meios que tornem suas aulas mais lúdicas, assim como não adianta os responsáveis de um aluno exigirem seu gosto pela leitura sem incentivarem tal prática com o pretexto de não possuírem livros em casa. É, por isso, que o profissional bibliotecário possui como uma das premissas “incentivar a cooperação entre professores, gestores experientes na área escolar, administradores, pais, outros bibliotecários e profissionais da informação e grupos interessados da comunidade” (FEDERAÇÃO, 2002, p.3) a fim de agregar os conhecimentos da escola com os princípios vindos do lar do aluno, além de formá-lo como cidadão responsável e conhecedor de suas obrigações para com a sociedade.

É importante mencionar que uma biblioteca não se limita a livros, quanto mais no suporte papel ou na língua escrita. Cada vez mais é necessária a inclusão digital, pois a *Internet* já se tornou intrínseco ao aprendizado e ao conhecimento. Negar a um aluno o acesso ou desmerecer um material retirado do mundo virtual é negar que o próprio bibliotecário, na busca por melhorias na UI que ele gere, não faça uso de materiais *online* ou que não faça pesquisas em *sites* e outros meios digitais. Da mesma forma, é quase uma heresia recusar uma fonte ou uma criação pelo simples fato de não estar expresso na língua escrita. Essa prática tão comum em bibliotecas escolares apenas reforça o quanto elas não estão inseridas na comunidade onde se localizam, assim como essas exigências caem por terra no momento em que o aluno faz um curso técnico ou uma faculdade e percebe que grandes áreas do conhecimento se valem da *Internet* por ser o meio mais rápido de

disseminação do conhecimento. Não se deve, aqui, confundir utilização de fontes através de meios digitais/virtuais com a omissão de créditos autorais. Infelizmente, é impressionante o número de alunos que chegam a uma universidade sem saber dar créditos a autores de uma obra ou sem saber onde buscar fontes de informação que podem ser definitivas para o sucesso de um trabalho, tudo porque lá na sua formação básica não houve a instrução do quão ético e necessário esses conhecimentos se fazem. Nesse ponto, Kulthau entende que a biblioteca escolar e bibliotecário devem atacar duas frentes:

A primeira é fazer um esforço geral para trazer a tecnologia para as escolas, definindo-se a meta de que cada escola esteja conectada à *internet*, no sentido de disponibilizar recursos informacionais abundantes. [A segunda] é concentrar-se na preparação do estudante para um ambiente rico em informação: no mercado de trabalho, na cidadania e na vida cotidiana. (KULTHAU, 1999, p.13-14)

Assim, a biblioteca escolar, mais do que um mero espaço para consulta de livros deve ser um espaço para agregar alunos à escola e também a comunidade escolar à escola, fazendo desse espaço, por conta de suas ações, parte indissociável da formação de um aluno.

4 REPRESENTAÇÃO COGNOSCITIVA

As reações, os desejos, os anseios e as percepções do ser humano tem sido estudados há muito tempo, sem que se chegue a uma conclusão sobre como de fato funciona a mente. No entanto, é consenso que a bagagem cultural e experiências de vida influenciam muito na forma como vemos o mundo. Prova disso é que para uma mesma situação é possível extrair diferentes opiniões, mesmo que os fatos sejam vistos ou relatados exatamente da mesma forma. Para este misto de sentimentos e ações formados através de combinações cognitivas que cada ser humano realiza, dá-se o nome de Representação Cognoscitiva.

O termo Representação Cognoscitiva busca estudar a percepção de determinado sujeito frente ao que é apresentado a ele, mas com efeitos provenientes de toda sua bagagem cultural. Em outras palavras:

[...] o termo 'representação' se refere ao modo de apreensão de um objeto ou fenômeno por parte de um sujeito (ou meio de representação, como o caso de um livro, de uma pintura, etc.), o que significa que para que haja um ato de representação é preciso que haja alguém (ou algo) que representa alguma coisa [...].” (ARNAO, 2008, p. 189)

Dessa forma, a Representação Cognoscitiva é vista como a “representação que apreende de algum modo o mundo externo ao sujeito [...] sendo a realidade concebida unicamente como aquilo que é externo ao sujeito [...]” (ARNAO, 2008, P.189-190). Por esse motivo, sujeito e objeto fazem parte de uma separação chamada mente-mundo, onde a percepção do sujeito baseada no objeto é a parte principal, já que é a partir dessa percepção que se cria e se desenvolve o conhecimento. Em outras palavras, a Representação Cognoscitiva nada mais é do que a forma abstrata como o sujeito entende uma ação e uma série de acontecimentos, levando em consideração suas vivências e entendimentos.

As representações cognitivas são parâmetros e acabam funcionando como modelos. Assim, essa estrutura adquire um caráter dinâmico e vai sofrendo mudanças e reorganizações em sua natureza, mostrando que a atividade cognitiva humana pode ser descrita, inclusive, em termos de símbolos, esquemas, imagens, ideias, entre outras formas próprias das representações cognitivas

(VASCONCELLOS; OLIVEIRA, 2012). O final desse processo de cognição é o conhecimento adquirido através da experiência e da percepção e assimilação dessas transformações. Neste sentido, Piaget (1996) vai mais além quando trata a Representação Cognoscitiva através de crianças que, supostamente, não possuem muitas experiências de vida. Ele afirma que, quando uma criança nasce, ela já possui um sistema nervoso e esquemas mentais, sendo que estes últimos são evoluídos e expandidos na mesma medida em que ela se desenvolve. No entanto, quando essa criança recebe um novo dado perceptivo, seja visual ou oral, ela atribui significado a partir das experiências cognitivas obtidas anteriormente e, se aquilo não representar o real e não for corrigido, ela entenderá este estímulo como verdadeiro e só mudará de ideia o dia que um novo estímulo diferente for recebido e assimilado (PIAGET, 1996). Por este motivo, as representações mentais são responsáveis pelo entendimento nas relações entre objetos da realidade, compreendendo desde um simples comportamento motor até a produção de conhecimentos que, no final, possibilitará a orientação de ações frente a novos objetivos e permitirá selecionar as informações necessárias para desenvolver qualquer tarefa (VASCONCELLOS; OLIVEIRA, 2012).

A maneira de representação do mundo, ou seja, a forma como cada um entende uma notícia, um ato, uma imagem, etc. tem sido motivo para grandes discussões nas áreas de Filosofia, Psicologia e Linguística, entre outras áreas, sendo uma das questões mais difíceis de ser resolvida (PAIVIO, 1990), visto a dificuldade e, ao mesmo tempo o quão fantástico é entender como uma mesma situação pode acarretar olhares tão diferentes pelo simples fato da vivência dos sujeitos “avaliadores” ser distinta. Da mesma forma, filhos com mesmos pais, mesma criação e mesmas oportunidades seguem caminhos tão distintos sem nem mesmo se entender por quê. Com isso, entende-se que a Representação Cognoscitiva estuda não apenas o sujeito como parte de uma sociedade, mas o sujeito propriamente como sujeito visto através de suas transformações e percepções, o que torna a Ciência Cognitiva, embora fascinante, problemática no ponto de vista da Filosofia Moderna. Isso porque quando se tenta separar o sujeito que percebe e que tem experiência, do mundo como algo objetivo, fica difícil delimitar onde começa um e termina o outro, além de ser praticamente impossível o acesso à realidade, pois a mesma é vista como algo objetivo e sem a influência do ser cognoscente (ARNAO, 2008). Ao mesmo tempo, a mesma Filosofia entende que

o mais importante, o seu cerne, é justamente a representação cognoscitiva, ou seja, a percepção do mundo externo ao sujeito, mas através de suas perspectivas e representações.

Assim, se a representação cognoscitiva como ação propriamente dita puder ser entendida, pode-se afirmar que o interesse neste processo não é apenas da Filosofia e da Psicanálise, mas da Ciência da Informação, uma vez que o foco do estudo é justamente o tratamento da informação pelo sujeito, bem como sua disseminação. Entendendo essa relação, Fonseca *et. al.*, percebe que na área de Ciências Cognitivas, o termo Informação é visto como um “processo que ocorre na mente humana e que tem efeitos sobre o mapa cognitivo ou mental do sujeito” (2012, p. 88) e ainda conclui que “[...] o processamento de informação pelo indivíduo baseia-se em experiências sensoriais, representações de vivências, pensamentos e lembranças, resultando em conhecimento de diferentes naturezas” (FONSECA *et.al.*, 2012, p.88). Pode-se afirmar, então, que esta é a mesma lógica adotada na Ciência da Informação quanto ao entendimento do que é dado, informação e conhecimento, sendo que um depende do outro para que a relação seja realizada de forma satisfatória.

A relação exposta acima é confirmada por Saracevic (1996) quando afirma que a Ciência da Informação está alicerçada em quatro pilares: a Biblioteconomia, a Ciência da Computação, a Comunicação, e a Ciência Cognitiva, sendo que nessa última estaria incluída a Inteligência Artificial. Assim, o termo Informação, nas Ciências Cognitivas, é visto através de outra dimensão, sendo um processo que ocorre na mente humana e que tem efeitos sobre o mapa cognitivo ou mental do sujeito, onde o processamento da informação pelo indivíduo baseia-se em experiências sensoriais, representações de vivências, pensamentos e lembranças, resultando em conhecimento de diferentes naturezas (VASCONCELLOS; OLIVEIRA, 2012). Por isso que a Ciência da Informação pode utilizar-se dos conhecimentos produzidos pela Ciência Cognitiva, baseando-se nas experiências como forma de criar e desenvolver ferramentas voltadas a seus usuários, melhorando suas experiências informacionais.

É interessante perceber que, tanto a Ciência da Informação, como a Ciência Cognitiva tem afinidades quanto ao entendimento de certos termos considerados centrais a cada uma dela. Exemplo disso é a conceituação em ambas as ciências sobre a diferença entre Informação e Conhecimento. Para Burke (2003) o

conhecimento é tão difícil de definir assim como é difícil definir verdade, mas ele propõe a analogia de que a informação pode ser considerada o que é cru ou, em outras palavras, prático. Já o conhecimento, para o autor, denota-se o que já foi cozido, ou seja, sistematizado pelo pensamento. Noutra analogia, Belkin & Robertson propõem que a “informação é tudo o que for capaz de transformar a estrutura.” (1976, p.198, *tradução nossa*). Assim, ao pensarmos na relação entre as duas ciências, evidencia-se o quanto a Ciência da Informação pode fazer uso e embasar seus estudos na Ciência Cognitiva, visto que tudo o que o usuário busca e recebe em troca, mesmo quando não é satisfatório, gera uma percepção. É possível que esteja nesse ponto a relação que os profissionais da informação devem focar para que a visão de espaços, infelizmente, tão excludente como as bibliotecas, arquivos e museus, sejam vistos como locais agregadores de conhecimento.

5 O BIBLIOTECÁRIO NA ESCOLA: QUEM É ESTE PROFISSIONAL?

A profissão de bibliotecário no Brasil surgiu em 1911, através do Decreto Federal 8.835, de 11 de julho de 1911², que instituía junto ao regulamento da Biblioteca Nacional o primeiro curso de formação regular de bibliotecários (CUNHA, 1978). No entanto, segundo Cunha (1978), apenas em 1976, ou seja, 65 anos após a criação do primeiro curso, é que foi criada a especialização, oferecida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) que na época chamava-se Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), devido à demanda por profissionais mais capacitados a suprir as necessidades das diferentes UI, principalmente ao que tange um bibliotecário com capacidades para gerir uma biblioteca escolar.

Dessa forma, não basta ser formado e trabalhar em biblioteca escolar para que esse profissional tenha papel ativo na vida dos alunos e da comunidade escolar. Por isso que Blattmann e Cipriano (2005) afirmam que

O bibliotecário ativo na escola é aquele que participa da elaboração do currículo da escola. [...] O bibliotecário no ambiente educacional precisa estar apto a desenvolver o papel de educador quando criar políticas internas para incentivar a prática cultural na biblioteca, entre as quais em organizar mostras culturais, contação de histórias, sessão de teatro e cinema, dia de autógrafo com autores, gincanas de leitura e interpretação, criação de textos entre outros. Quando fizer da biblioteca um espaço divertido, agradável e aconchegante, um ambiente prazeroso e conquistando novos leitores. Assim, envolvendo-os nas atividades e fazendo que se torne um programa agradável e habitual em visitar a biblioteca para realizar pesquisas ou efetuar leituras diversas [...]. (2005, *documento eletrônico não paginado*)

Além disso, o bibliotecário ainda precisa cumprir determinadas funções, pois deve ser o profissional que

[...] está em constante questionamento; que procura conhecer sua área de atuação, que tem consciência de que o usuário é seu fim último; que sabe que as informações com as quais lida não são

² Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=37808&norma=53516>>. Acesso em 05 maio 2017.

neutras e imparciais; que está sempre procurando conhecer os motivos que há por trás de suas ações; que sabe que a informação é imprescindível para a formação do cidadão. O bibliotecário escolar é aquele que reconhece sua profissão como importante e necessária para a sociedade e se reconhece como um agente de transformação social.(ALMEIDA JÚNIOR, 2006, p. 53-54).

Dessa forma, fica mais fácil entender os motivos pelos quais um bibliotecário com as competências para trabalhar juntamente com as escolas tem papel fundamental na formação educacional de crianças, adolescentes e adultos. O bibliotecário que atua em escolas deve ser aquele que se utiliza dessas competências para instigar os alunos a descobrir, pesquisar e desenvolver o conhecimento. Por isso que Milanesi (2012) diz que

A grande dificuldade [na atuação do bibliotecário escolar] é o alto grau de complexidade nas relações com os usuários. Aquele que se volta para atuar neste campo, intermediando a informação e o processo educacional, deve, necessariamente, compreender muito bem a criança e o adolescente. [...] Sem essa dimensão educacional, o responsável pela biblioteca será, apenas, o agente da ordem dos manuais de regras. (MILANESI, 2012, p.12)

E por isso que, quando os desafios desse profissional não são encarados e realizados de maneira satisfatória, no final, quem acaba prejudicado é o aluno, que fica desestimulado diante de dificuldades em se sentir parte da escola, afinal, como pode uma escola que tem um currículo a cumprir não oferecer um profissional que o ajude a selecionar os materiais mais indicados, moldado à sua forma de entender e assimilar o conhecimento? Para Macedo (2007, p.51),

Bibliotecários e professores, ambos como educadores, porém, tem missão a cumprir com a formação de leitores” Pensando alto, na formação do futuro bibliotecário, além da cultura geral, aquisição da técnica e domínio da informática, precisaria ser incluída capacitação adequada para a nobre tarefa de educador, em pleno sentido da palavra. Idem dos educadores (donos do processo ensino-aprendizagem) que também mereceriam, em seus currículos acadêmicos, ter “algumas pitadas” de conhecimentos sobre biblioteca.

E é provável que, pelo fato do próprio bibliotecário não entender o quão fundamental é a sua atuação na formação dos alunos da escola onde está inserido, ele mesmo cria preconceitos acerca de sua profissão e se exime de

responsabilidades que, junto aos pais e escola, propiciam uma educação de qualidade e que, de alguma forma, ajudam a esses alunos entenderem qual o real sentido desta profissão. Por isso que, no que tange o mundo de trabalho, a biblioteca escolar ainda não assumiu seu verdadeiro papel, provavelmente porque ela mesma subestima sua capacidade de influenciar e direcionar escolhas. Se na sala de aula, através de uma matéria ou de um professor o aluno se encanta e decide qual profissão seguir, por que pensar que a biblioteca escolar atuante não tem o mesmo papel? Ao imaginar um aluno que tenha dificuldade em determinada matéria e, dentro da biblioteca, passa a compreendê-la de tal forma que percebe o quanto a aprecia e, no final, resolve seguir uma carreira na área, como dizer que a biblioteca escolar não teve participação? São essas questões que fogem do âmbito apenas da biblioteca como ambiente informacional e passa pela questão da psicanálise, ou seja, a forma como o aluno enquanto sujeito entende e percebe a biblioteca escolar como um organismo intrínseco e influente na sua formação. O estudo dessa percepção é, como já visto, chamado de Representação Cognoscitiva.

6 METODOLOGIA DO ESTUDO

Pode-se afirmar que a metodologia é uma das principais etapas de qualquer estudo, pois é ela que definirá, através de sua consistência nos procedimentos, o sucesso ou não da pesquisa. A metodologia, assim, tem a função de detalhar como o estudo será realizado, delimitando e caracterizando a pesquisa, além de mostrar e explicar quais os instrumentos utilizados para coleta de dados. Assim, fica claro que a metodologia tem a função, conforme Marconi e Lakatos (2003) de responder às questões: como? Com quê? Onde? Quando?

Dessa forma, seguem as explicações acerca das características e instrumentos que nortearam este estudo.

6.1 TIPO DE PESQUISA

A primeira característica identificada neste estudo é de que se trata de uma pesquisa de caráter quanti-qualitativo. O enfoque quantitativo dá-se por destacar na análise dos dados os aspectos estatísticos. Esse enfoque se faz necessário para entender também as particularidades estatísticas para fins de quantificação.

Já com relação ao enfoque qualitativo, Godoy (1996, p.62) sugere ao descrever as premissas da pesquisa qualitativa, que:

“[...] a pesquisa qualitativa é composta de quatro características essenciais:

- a) ambiente natural como fonte direta de dados, e o pesquisador como instrumento fundamental;
- b) caráter descritivo;
- c) significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida, que deve ser uma preocupação do investigador;
- d) enfoque indutivo.”

Todas as características ficaram evidentes neste estudo no momento em que houve a percepção de que esta pesquisa envolveu todo um processo de reflexão e análise da realidade com a utilização de métodos para compreensão detalhada e estatística do objeto de estudo que, neste caso, são os alunos do curso

de Biblioteconomia da UFRGS matriculados na 1ª ou 6ª etapa. Ainda com relação à adequação da pesquisa qualitativa neste estudo, Ludke e André (1986) entendem que este tipo de pesquisa proporciona um contato mais prolongado e mais direto com os sujeitos do estudo, dando ao pesquisador oportunidades maiores de verificar diversas situações que possam ocorrer, facilitando um levantamento de dados mais crítico e proporcionando que sejam feitas reflexões mais seguras acerca do objeto de pesquisa.

Outra característica que marcou este estudo é que, para embasá-lo teoricamente, dando o alicerce científico necessário, foi utilizada a pesquisa bibliográfica acerca dos principais temas apresentados. Essa pesquisa, então, calcou-se livros, artigos (eletrônicos ou não) e outros materiais, dando prioridade às fontes primárias, ou seja, documentos escritos pelo próprio autor, se utilizando minimamente de “citações de citações”. Vale ressaltar que Severino (2007), julga esta forma uma das mais adequadas ao se utilizar da pesquisa bibliográfica, dizendo que:

[A pesquisa bibliográfica] É aquela realizada a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. Utiliza-se de dados ou categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes nos textos. (SEVERINO, 2007, p.122)

Por este motivo, o procedimento metodológico que se entendeu mais adequado ao estudo, inclusive para ficar em consonância às características já expostas acima, foi o estudo de caso. Isso porque esse é o delineamento mais adequado para investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, onde os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente percebidos (Yin, 2005). É também por este motivo que o estudo de caso é considerado eclético, já que:

[...] permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos acontecimentos da vida real, tais como: ciclos de vida individuais, processos organizacionais e administrativos, mudanças ocorridas em regiões urbanas, relações internacionais e a maturação de setores econômicos. (YIN, 2005, p.20)

Assim, é possível utilizar o estudo de caso nos mais diversos tipos de pesquisa, áreas do conhecimento, sujeitos ou mesmo instrumentos de coleta de dados, principalmente porque a realidade é estudada na forma como acontece, incluindo suas nuances e particularidades.

6.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. Esse instrumento foi escolhido por se acreditar que é a partir dele que há a reciprocidade do entrevistado com o entrevistador, não se prendendo a um esquema rígido de perguntas que impossibilitem o desenvolvimento de alguns questionamentos, como acontece com uma entrevista estruturada ou um questionário, por exemplo.

A entrevista foi composta inicialmente por 08 (oito) questões de caráter aberto, possibilitando que outras perguntas fossem feitas com a finalidade de complementar ou enriquecer o entendimento acerca do tema analisado. Essas questões foram formuladas, dando origem ao Roteiro da Entrevista Semiestruturada (APÊNDICE A). Vale ressaltar que todo o roteiro foi elaborado de forma a contemplar os objetivos específicos já elencados e, conseqüentemente, ao problema de pesquisa.

Todos os entrevistados, antes de submetidos à entrevista, tomaram ciência de todos os aspectos éticos que envolvem o estudo, principalmente no que tange os participantes desta pesquisa. Por isso, a cada participante foi solicitado que assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B) que informou a finalidade da pesquisa, assim como da preservação dos dados de identificação e da utilização dos resultados apenas para fins científicos.

As entrevistas foram realizadas com agendamento prévio, gravadas e, por orientação, não foram transcritas literalmente, já que o Termo não previu a transcrição literal das falas dos entrevistados. No entanto, buscou-se manter a literalidade do conteúdo das respostas dadas. Assim, pode-se dizer que as entrevistas resultaram resumo de cada experiência apresentada.

7 CONTEXTO DO ESTUDO

Para contextualizar o presente estudo, é necessário abordar a história da UFRGS, assim como a trajetória da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) e do curso de Biblioteconomia ministrado na Universidade. Esse histórico torna-se importante para que se entenda o contexto de todo o estudo a ser apresentado, já embasado pelo referencial teórico.

A UFRGS federalizou-se, passando esfera administrativa da União, em 1950, mas sua história começa muito antes disso, em 1895, com a criação da Escola de Farmácia e Química, dando início ao ensino superior do Rio Grande do Sul (RS). (UNIVERSIDADE..., [s.d]a). Cinco anos após, a Universidade foi pioneira na oferta de cursos humanísticos do Estado, com a implantação da Faculdade de Medicina de Porto Alegre e a Faculdade de Direito. (UNIVERSIDADE..., [s.d]). Já em 1934, com a integração de diversos cursos e criação de institutos, inclusive o de Artes, foi fundada a Universidade de Porto Alegre (UPA) e, em 1947, com a Reforma Universitária, incorporou-se as Faculdades de Direito e Odontologia de Pelotas e a Faculdade de Farmácia de Santa Maria (UNIVERSIDADE..., [s.d]a).

Com toda essa trajetória, é notória a posição de destaque ocupada pela UFRGS na comunidade acadêmica e científica, que inclui o primeiro lugar em publicações e a segunda em produção científica entre as universidades federais, considerando-se o número de professores (UNIVERSIDADE..., [s.d]a). Outro destaque à UFRGS é que ela sua avaliação pela segunda vez consecutiva como a segunda melhor universidade do país, e a primeira dentre as federais, através do Índice Geral de Cursos (IGC), um parâmetro estabelecido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), órgão subordinado ao Ministério da Educação (MEC), que avaliou 2.109 instituições, dentre universidades, faculdades, centros universitários e institutos, tanto públicos como privados (UNIVERSIDADE...,2017).

A UFRGS é composta por 04 (quatro) *campi* em Porto Alegre além de outros 03 (três) polos e *campi* em outras cidades, conforme Imagem 1 e Imagem 2 a seguir.

Imagem 1 – Localização dos campi da UFRGS em Porto Alegre³



UFRGS, [2014?]

Imagem 2 – Localização dos campi da UFRGS fora de Porto Alegre⁴



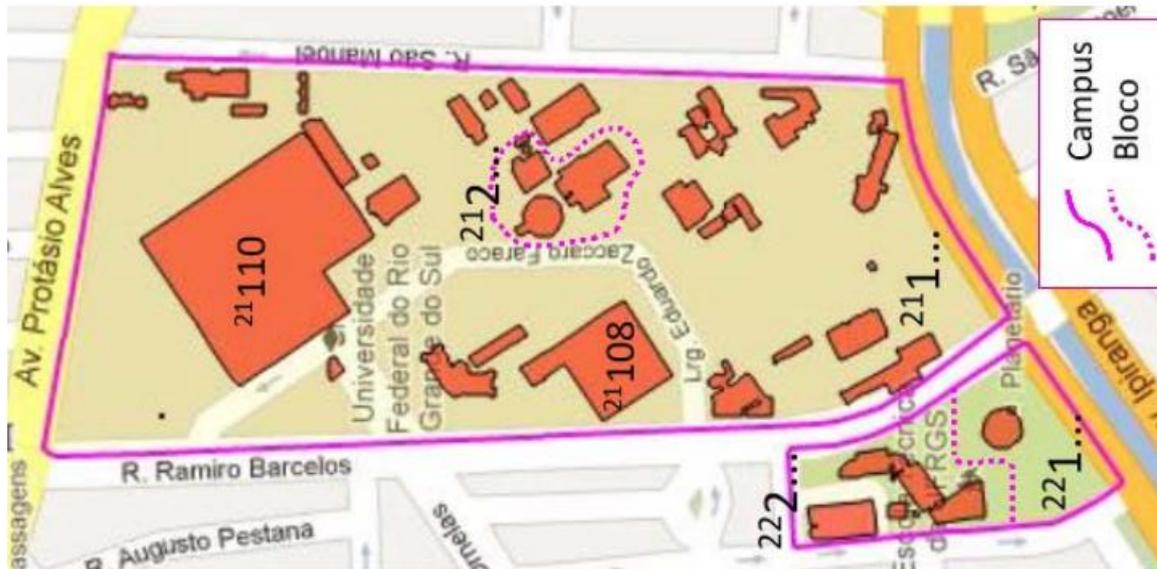
UFRGS, [2014?]

3 Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/arquivos/logica-de-organizacao-dos-predios>>. Acesso em 06 jun. 2017.

4 Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/arquivos/logica-de-organizacao-dos-predios>>. Acesso em 06 jun. 2017.

O *campus* da Saúde abrange, além dos cursos voltados a essa área, os cursos da área de Comunicação e de Ciências da Informação, concentrados no prédio da Fabico. A Fabico foi criada através da Portaria nº714, em setembro de 1970, logo após a Reforma Universitária de 1968, quando o curso de Jornalismo, que até então era vinculado à antiga Faculdade de Filosofia, passa a ocupar o terceiro andar do prédio da Gráfica da Universidade, localizado na Avenida Ramiro Barcelos, 2705 (UNIVERSIDADE..., [s.d]b). Na sequência, em 1972, a Biblioteca da Faculdade e o curso de Biblioteconomia (que estava vinculado à antiga Faculdade de Filosofia e à Escola de Biblioteconomia e Documentação) instalaram-se no quarto andar do prédio, na mesma época em que são estabelecidas as habilitações unificadas do curso de Comunicação Social, que abrangia Jornalismo Gráfico e Audiovisual, Relações Públicas e, Publicidade e Propaganda, sendo que apenas em 1985 elas foram desmembradas, tornando-se habilitações distintas (UNIVERSIDADE..., [s.d]b). Assim, em 1996, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação (PPGCOM) foi aprovado, passando a oferecer o nível de Mestrado e, a partir de 2000, incluiu também o Doutorado (UNIVERSIDADE..., [s.d]b), possibilitando que muitos alunos da Fabico se especializassem em suas áreas de formação. Outras implantações na Fabico foram os cursos de Arquivologia, em 1999, e de Museologia, em 2008 que, compuseram juntamente com o curso de Biblioteconomia, o Departamento de Ciências da Informação (DCI). Na sequência, em 2016, com as reformulações do MEC, as habilitações na área de Comunicação são extintas e criados os cursos de Jornalismo, Relações Públicas e, Publicidade e Propaganda (UNIVERSIDADE, [s.d]b).

Imagem 3 – Localização do *Campus da Saúde/UFRGS*⁵



UFRGS [2014?]

Neste ano, um dos cursos mais antigos ofertados pela Fabico completa setenta anos. É o curso de Biblioteconomia, criado em 1947 inicialmente como um técnico, passando a ser considerado de nível superior a partir de 1957 (UNIVERSIDADE, [s.d]b). Originalmente, o curso de Biblioteconomia da UFRGS era vinculado à Faculdade de Economia e Administração da Universidade de Porto Alegre (UPA), sendo considerado o primeiro da área na região Sul e o sétimo a ser ofertado no país (UNIVERSIDADE, [s.d]b). A Biblioteconomia é um curso que cada dia mais se evidencia pela importância na recuperação imediata de informações e, por isso, baseia-se em quatro eixos: Fundamentos das Ciências da Informação; Organização e Tratamento da Informação; Recursos e Serviços de Informação e; Gestão de Sistemas de Informação, alinhando-se às diretrizes assumidas pelas Escolas de Biblioteconomia dos países do Mercado Comum do Sul (Mercosul).

⁵ Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/arquivos/logica-de-organizacao-dos-predios>>. Acesso em 06 jun. 2017.

Imagem 4 – Fachada da Fabico/UFRGS⁶



UFRGS, [201?]

⁶ Disponível em: <<https://yellow.place/file/image/cover/0/0/906/wsrxyevgdajcklsw.jpg>>. Acesso em: 06 jun. 2017.

8 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos para este estudo foram os alunos do curso de Biblioteconomia da UFRGS, devidamente matriculados na Universidade, cursando o 1ª ou 6ª semestre do curso. Essa escolha foi realizada exatamente por verificar a visão dos alunos quando entram no curso e dos alunos que estão no último semestre teórico do mesmo.

Assim, a amostra resultou em 10 (dez) alunos selecionados aleatoriamente, sendo 05 (cinco) de cada um dos semestres supracitados. Todos os sujeitos responderam ao estudo através do Roteiro da Entrevista Semiestruturada (APÊNDICE A) após assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B). Esse Termo foi utilizado para que cada sujeito se conscientizasse da finalidade do estudo, para que se inteirasse de seu uso exclusivo para fins científicos e para que soubesse que seu nome ficou mantido em sigilo por questões éticas.

Assim, segue a lista de sujeitos e suas principais características a serem levadas em consideração para este estudo (Quadro 1).

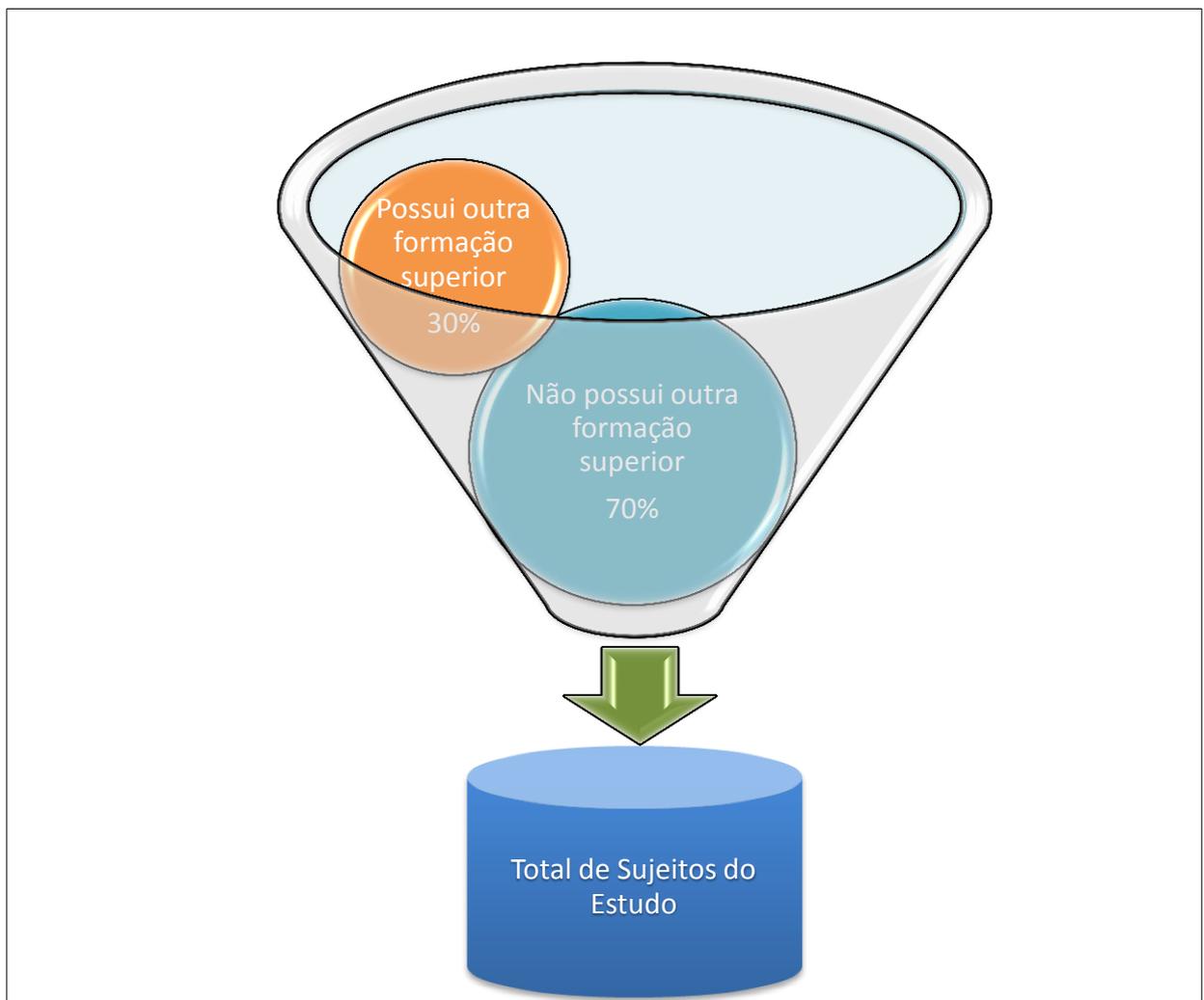
Quadro 1 – Relação dos Sujeitos do Estudo e Suas Características

Identificação	Semestre Cursado	Gênero	Idade (anos)	Outra Formação Superior
Sujeito 1	1º	Feminino	40	-
Sujeito 2	1º	Feminino	31	Direito
Sujeito 3	1º	Feminino	23	-
Sujeito 4	1º	Feminino	49	-
Sujeito 5	1º	Feminino	23	Turismo
Sujeito 6	6º	Feminino	30	-
Sujeito 7	6º	Feminino	26	-
Sujeito 8	6º	Masculino	30	Jornalismo
Sujeito 9	6º	Masculino	27	-
Sujeito 10	6º	Feminino	21	-

Fonte: MARTINATO, 2017.

Conforme se percebe no quadro acima, 80% (oitenta por cento) dos sujeitos são do sexo feminino, 50% (cinquenta por cento) tem menos de 30 (trinta) anos de idade e 30% (trinta por cento) possui outra formação de nível superior sendo que, nesta última porcentagem, todos os sujeitos são formados em algum curso classificado como Ciências Sociais Aplicadas (Imagem 1), conforme classificação do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)⁷. É interessante apontar, também, que todos os sujeitos com formação superior têm entre 23 e 31 anos de idade, sendo que a amostra com todos os sujeitos vai de 21 a 40 anos de idade. Dos 3 (três) sujeitos formados em nível superior, 2/3 são do sexo feminino.

Imagem 5 – Proporção de Sujeitos da Pesquisa Formação Superior



Fonte: MARTINATO, 2017.

⁷ Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/web/dgp/ciencias-sociais-aplicadas>>. Acesso em 03 de jun. de 2017.

9 APRESENTAÇÃO DA ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

Assim que os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B) foram assinados, procedeu-se com a aplicação das entrevistas aos sujeitos. Cada um foi entrevistado de forma individual, sem a necessidade um ambiente específico, mas quase todas foram realizadas na própria **Fabico**. As entrevistas foram realizadas pela própria pesquisadora e gravadas com um aplicativo instalado no aparelho *smartphone*, sempre com a ciência e consentimento dos entrevistados. Entretanto, como não houve no Termo assinado nada que explicitasse que as entrevistas seriam transcritas literalmente no estudo, optou-se por uma questão ética escrever as respostas sem expor erros de concordância ou outros vícios de linguagem que possam ter surgido.

Para uma melhor visualização da entrevista, segue apresentadas as questões apresentadas aos sujeitos do estudo e, dentro de cada questão, as respostas obtidas. Ao final do conjunto de respostas, são apresentadas as análises realizadas pela pesquisadora. As questões serão elencadas conforme o Roteiro da Entrevista Semiestruturada (APÊNDICE A) e os sujeitos identificados sequencialmente de 01 (um) a 10 (dez), conforme a Relação dos Sujeitos do Estudo e Suas Características (Quadro 1).

Questão 1 – Como era(m) a(s) biblioteca(s) escolar(es) onde você estudou no Ensino Fundamental e no Ensino Médio? Ela(s) ficava(m) aberta(s) e o acesso aos alunos era livre (ou só podia entrar acompanhado de um professor ou responsável)? Você lembra se havia um bibliotecário responsável pela gestão do espaço?

Sujeito 1 – *Ficava disponível. Havia um profissional, mas não sei se era bibliotecário.*

Sujeito 2 – *As bibliotecas escolares no Ensino Fundamental e Médio eram ótimas, com espaço para estudo e acervo interessante. Ficavam abertas e o acesso para os alunos era livre. Na [biblioteca] de Ensino Fundamental, não sei dizer se havia*

bibliotecária ou se eram professoras que atendiam, mas no Ensino Médio sei que havia ao menos uma bibliotecária.

Sujeito 3 – *Não havia bibliotecário, lembro que eram professores que ficavam na biblioteca. No recreio ela ficava aberta pros alunos e toda quinta a gente podia tirar um livro.*

Sujeito 4 – *Não havia bibliotecário, eram professores que cuidavam, lembro que só podíamos entrar quando havia um responsável, senão a biblioteca ficava fechada, mas era muito organizada e tinha bons livros, eu vivia lá, sentia falta de alguém realmente capacitado para cuidar da biblioteca.*

Sujeito 5 – *A biblioteca do Ensino Fundamental era bem simples, com poucos exemplares. Houve uma época em que eles [responsáveis pela escola e professores] divulgavam mais a biblioteca, chamavam a atenção dos alunos para a utilização do espaço, mas não era muito frequentada. Creio que não havia uma bibliotecária formada.*

A biblioteca do Ensino Médio era muito mais frequentada, ela possuía muitos exemplares e lembro de conversar bastante com a bibliotecária (era concursada) e ela gostava muito do que fazia. Me inspirou.

Sujeito 6 – *Eram bibliotecas de acesso livre, sempre ficavam abertas e costumávamos fazer trabalho, ou passar a hora do recreio na biblioteca; lembro também que os professores aplicavam prova no lugar ou levavam a turma até lá para realizar trabalhos. Na biblioteca da escola que fiz o Ensino Fundamental não tinha bibliotecário, mas na escola que fiz o Ensino Médio tinha sim, pelo que me lembro era uma equipe grande, era um colégio bem maior que o outro.*

Sujeito 7 – *Na escola onde cursei o Ensino Fundamental tinha biblioteca, porém era administrada por professores e em vários momentos estava fechada, momento que só era possível retirar livros acompanhado do professor da disciplina. Já na escola onde cursei o Ensino Médio, a biblioteca nem ao menos ficava aberta.*

Sujeito 8 – *Eu estudei no Colégio Mãe de Deus, na Zona Sul de Porto Alegre. A biblioteca do meu colégio era para todos os estudantes, não necessitávamos de acompanhamento de professores. Sim, existia uma bibliotecária responsável, que era professora Lizandra [Brasil] Estabel.*

Sujeito 9 – *Estudei na mesma escola no Ensino Fundamental e Médio. A biblioteca era bem pequena, entretanto, sempre estava aberta aos alunos no horário em que a escola ficava aberta. O acesso às estantes era livre, mas não havia um bibliotecário. A responsável pela biblioteca era uma professora.*

Sujeito 10 – *O meu Ensino Fundamental foi em uma escola particular e na biblioteca havia sim um bibliotecário; o local era amplo, mas simples, possuía espaço para a leitura, e os alunos podiam ir até lá quando quisessem e não precisava ter responsável, tudo era bem acessível.*

Já o meu Ensino Médio foi em escola pública e a biblioteca era bem precária, pequena e pouco valorizada. Havia bibliotecário, porém não era tão acessível e se localizava em um espaço pouco visto, não era nem um pouco atraente.

Análise da Questão 1:

Para esta primeira questão, 50% (cinquenta por cento) dos sujeitos afirmam que estudaram na mesma escola durante o Ensino Fundamental e Médio. Para esse grupo de 05 (cinco) pessoas, 60% (sessenta por cento) afirmam que a biblioteca escolar ficava aberta e acessível aos alunos, mas apenas 01 (uma) pessoa disse que o espaço era administrado por um bibliotecário formado. Por fim, 02 (duas) pessoas afirmaram que a biblioteca da escola onde estudaram ficava parcialmente aberta, ou seja, o acesso não era livre para aluno desacompanhado do professor e/ou não havia responsável em tempo integral pelo espaço.

Já para os sujeitos que cursaram o Ensino Fundamental e o Ensino Médio em escolas diferentes (representando a outra metade total dos sujeitos entrevistados), 60% (sessenta por cento) afirmaram que no Ensino Fundamental não haviam bibliotecários responsáveis pela biblioteca, 20% (vinte por cento) não souberam informar quem era responsável pela administração do espaço, e 20% (vinte por cento) afirmaram que havia pelo um bibliotecário responsável pela

biblioteca. No mesmo grupo, com relação às bibliotecas do Ensino Médio, 60% (sessenta por cento) afirmaram que havia pelo menos um bibliotecário formado responsável pela administração da biblioteca escolar, e os outros 40% (quarenta por cento) afirmam que não havia o profissional bibliotecário. Ainda, 60% (sessenta por cento) afirmaram que a biblioteca onde estudaram ficava aberta e acessível aos alunos do Ensino Fundamental e os outros 40% ficavam parcialmente abertas. Por fim, 60% (sessenta por cento) afirmaram que as bibliotecas do Ensino Médio ficavam abertas, 20% (vinte por cento) ficavam parcialmente abertas e 20% (vinte por cento) afirmaram que sequer a biblioteca abria.

Dessa forma, é notório que grande parte das bibliotecas do ensino público não dispõem de biblioteca, o que ocasiona, em muitos casos, a biblioteca não ficar aberta ou abrir conforme a disponibilidade de quem a cuida. Infelizmente, essa realidade é vista não apenas neste estudo, mas pode explicar os motivos para o Brasil não ser considerado um país de leitores, conforme já comentado no referencial teórico.

Questão 2 – Você frequentava a(s) biblioteca(s) escolar(es) da(s) escola(s) que você estudou? Se sim, você a(s) utilizava mais para consultar ou para empréstimo de livros?

Sujeito 1 – *Ambos.*

Sujeito 2 – *Sim, frequentava. Usava tanto para consulta local quanto para empréstimos.*

Sujeito 3 – *Era mais pra empréstimos de livro.*

Sujeito 4 – *Usava muito e por ambos motivos.*

Sujeito 5 – *No Ensino Fundamental eu frequentei pouquíssimas vezes, fui só quando eles foram nas salas divulgar. E quando se é criança é de extrema importância esse incentivo.*

No Ensino Médio eu frequentei diversas vezes, tanto para pesquisa quanto para empréstimos. Tive um professor de literatura que fazia trabalhos com leitura e incentivava bastante.

Sujeito 6 – *Frequentava sim, mas normalmente para passar o tempo com os colegas ou fazer trabalhos, dificilmente eu levava livros para casa, até porque como meu pai sempre me incentivou a ler ele gostava de comprar livros pra mim, então dificilmente eu sentia necessidade de fazer empréstimos.*

Sujeito 7 – *Só frequentei a biblioteca no Ensino Fundamental e retirava bastante[s] livros, além dos solicitados pelo professor.*

Sujeito 8 – *Sim, para os dois. Mais para empréstimos de livros, também para usar o espaço para jogar RPG com meus colegas e fazer trabalhos no computador da biblioteca.*

Sujeito 9 – *Sim, usava muito. Utilizava para ambos os casos, mas utilizava muito para consulta.*

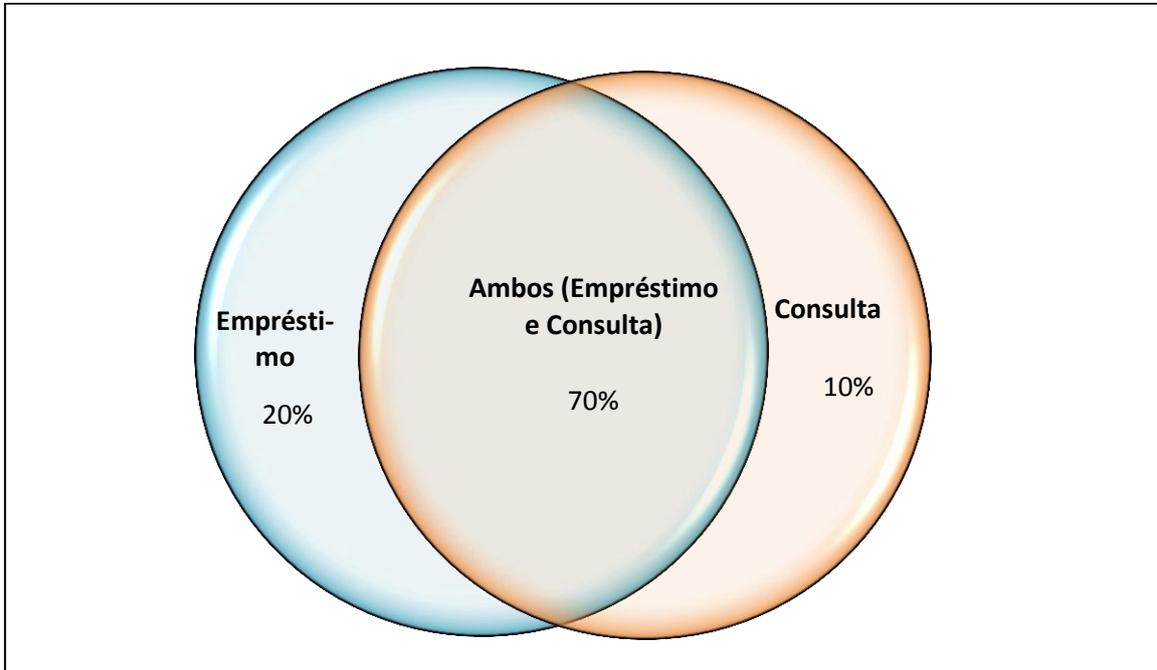
Sujeito 10 – *Sempre utilizei ambas as bibliotecas tanto para consulta quanto para empréstimo. Na biblioteca da escola pública os empréstimos eram mais para livros de conhecimentos gerais, ou seja, para fazer trabalhos; ao contrário da biblioteca em escola particular, a qual era bem mais frequente a utilização de empréstimos de livros literários.*

Análise da Questão 2:

Através das respostas acima, verificou-se que grande parte dos entrevistados afirmaram que utilizavam a biblioteca escolar tanto para consulta, quanto para empréstimo de livros, representando 70% (setenta por cento) do total de sujeitos deste estudo. Dos 30% (trinta por cento) restantes, 20% (vinte por cento) afirmam que utilizavam a biblioteca para empréstimo e os outros 10% (dez por cento) para consulta.

Para fins de visualização, elaborou-se um Diagrama de Venn para mostrar a intersecção de utilização da biblioteca e seus serviços (Diagrama 1).

Diagrama 1 – Principal Finalidade de Utilização da Biblioteca Escolar



Fonte: Martinato (2017)..

Pode-se dizer que dois dos serviços de extrema importância em uma biblioteca, principalmente a escolar, foram, em grande parte dos casos, ofertados de forma concomitante ou, pelo menos, às mesmas pessoas. Ainda assim é estarrecedor perceber que durante todo o Ensino Básico (que engloba Ensino Fundamental e Médio) alguns alunos apenas retiraram empréstimo ou apenas consultaram obras da biblioteca. Isso pode ser um indicativo do quão atrativa ou não eram as bibliotecas ou mesmo a qual nível ela estaria disponível aos alunos.

Questão 3 – Você recorda se haviam projetos de ações ou estímulo à leitura na(s) escola(s) que você estudou? Se sim, conte um pouco sobre ele(s).

Sujeito 1 – Não tinha.

Sujeito 2 – *Fazíamos atividades de pesquisa na biblioteca, orientados pelos professores. Havia contação de história para as crianças menores e atividades de encontro com autores, para os alunos maiores.*

Sujeito 3 – *Haviam, uma vez por mês faziam uma roda de leitura. Era legal e eu gostava bastante.*

Sujeito 4 – *Não, apenas professores que cuidavam. [Não houve projetos]*

Sujeito 5 – *No Ensino Fundamental não lembro de nada específico, mas no Ensino Médio eu tinha um professor de literatura e outro de história que indicavam 1 livro por trimestre e fazia trabalhos em cima disso. Eu adorava.*

Sujeito 6 – *Não, não tinha.*

Sujeito 7 – *As únicas atividades voltadas a leitura eram feitas pela professora de português que de início indicava os livros e nas séries mais avançadas deixava livre a escolha. Após a leitura dos livros era feita uma ficha de descrição e resumo do livro ou um seminário.*

Sujeito 8 – *Não lembro muito bem de projetos desenvolvidos pela biblioteca. Só me recordo da contação de histórias realizados pela Lizandra, que se vestia de bruxa.*

Sujeito 9 – *Não lembro de nenhum, infelizmente.*

Sujeito 10 – *Havia apenas na escola particular, onde ocorriam teatros, brincadeiras e horas do conto na biblioteca, principalmente em datas comemorativas do ano. As professoras sempre estimularam muito a leitura e sempre faziam projetos e trabalhos envolvendo os livros e a biblioteca, houve até alguns que participavam de feiras escolares.*

Análise da Questão 3:

Dos relatos dos entrevistados, depreende-se que 50% (cinquenta por cento) lembrou de algum projeto de estímulo à leitura promovido na escola, sendo que desse percentual, 30% (trinta por cento) foram em instituições onde havia bibliotecário atuando na biblioteca da escola. No entanto, verifica-se também que a frequência dessas atividades era mínima, ficando na média de uma vez ao mês.

Ao analisarmos novamente o papel do bibliotecário como educador, verifica-se o quanto seus conhecimentos podem influenciar no desenvolvimento de alunos do Ensino Básico, pois é evidente nos relatos acima que as lembranças mais consistentes e mais detalhadas relacionadas a projetos voltados à leitura foram realizados por bibliotecários, mostrando o impacto que seus conhecimentos tiveram. Seja na contação de histórias, na visita de autores de livros, ou na roda de leitura, podemos perceber o quão emblemático foi no desenvolvimento desses alunos a atuação do profissional bibliotecário. Nestes casos, fica evidente sua atuação como agente mediador entre professor e sala de aula, assim como entre escola e casa, já que todas essas experiências, de alguma forma, são repassadas às pessoas com quem se convive.

Questão 4 – Qual a sua lembrança do mediador de leitura na(s) biblioteca(s) da(s) escola(s) que você estudou? (se não houve, fale sobre a pessoa que cuidava da biblioteca)

Sujeito 1 – *A pessoa atuava auxiliando nas pesquisas e atuando no serviço de empréstimos.*

Sujeito 2 – *As pessoas que atendiam na biblioteca eram gentis e não julgavam os livros que retirávamos (o que era algo que, sendo uma adolescente tímida, eu apreciava).*

Sujeito 3 – *Cuidavam muito bem, os professores responsáveis sempre cuidavam da biblioteca, e sempre incentivaram os alunos a lerem.*

Sujeito 4 – *Na verdade não era mediador, era mais cuidador, anotava os empréstimos e organizava a biblioteca.*

Sujeito 5 – *Nas escolas o maior mediador foram esses professores do Ensino Médio.*

Sujeito 6 – *Na escola do Ensino Fundamental era uma pessoa que cuidava de tudo e não era bibliotecário, mas o relacionamento era bem próximo, lembro de muitas vezes minhas colegas e eu passarmos o período de aula, quando havia trabalhos para fazer, ou a tarde na biblioteca e conversávamos bastante com a funcionária de lá. No colégio do Ensino Médio não era um relação tão próxima, era uma escola bem maior e haviam muitas turmas da mesma série (Ensino Fundamental e Médio) então a biblioteca costumava ser muito cheia nas horas de intervalo; havia mais de um funcionário além da bibliotecária, não sei se não queriam ou se não davam conta de uma proximidade maior com os alunos, mas também nunca achei que fosse uma necessidade.*

Sujeito 7 – *O mediador de leitura era o educador da classe que em alguns momentos escolhia um título e lia para a turma ou fazia leitura coletiva.*

Sujeito 8 – *Lembro da professora Lizandra que fazia a contação de história vestida de bruxa.*

Sujeito 9 – *A responsável pela biblioteca foi minha professora nas séries iniciais, portanto eu tinha um carinho especial por ela. Não havia uma mediação de leitura propriamente dita, mas o fato de eu ser afeiçoado à responsável permitia com que eu voltasse mais vezes.*

Sujeito 10 – *Sempre achei o bibliotecário da escola pública um tanto frio e pouco acessível, não havia a mediação de leitura e muito menos o serviço de referência que tanto se aprende no curso de Biblioteconomia. Ele fazia o serviço técnico, mecanizado e não expressava nenhuma cordialidade e muito menos era social. Já a bibliotecária da escola particular, era bem diferente. Ela trazia todo o carácter agradável e prazeroso do bom atendimento, sempre prestativa e disposta em sanar*

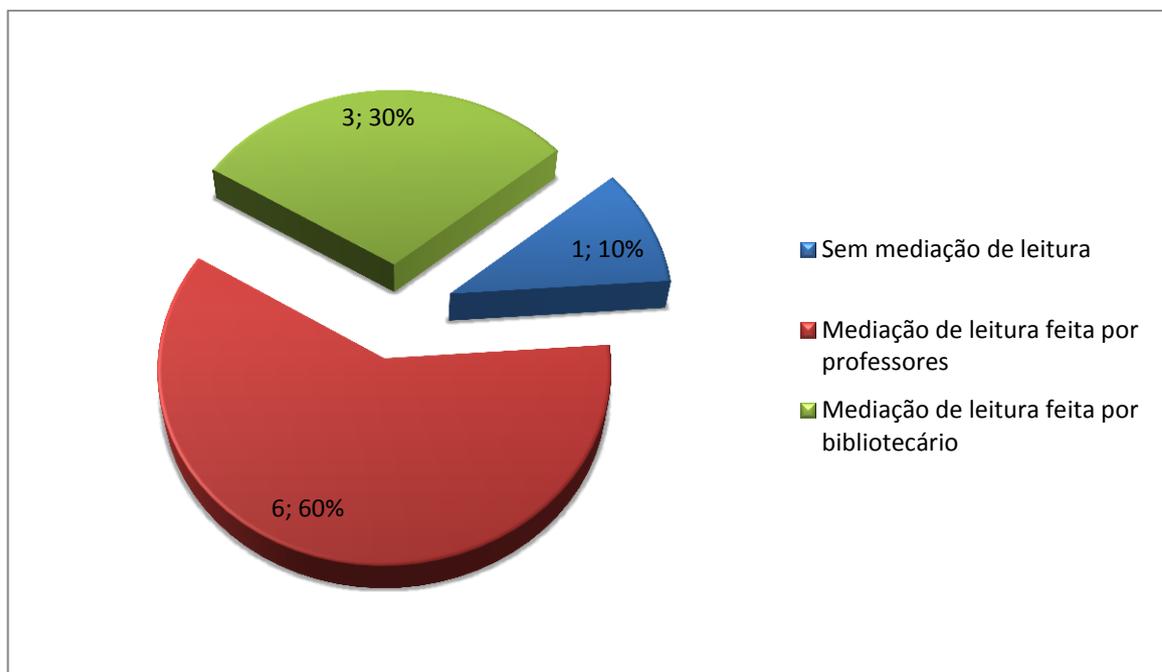
nossas dúvidas. Não havia receio em chegar na biblioteca, porque ela tornava tudo tão aconchegante e amigável.

Análise da Questão 4:

De todas as respostas obtidas, apenas 01 (uma) pessoa afirmou que não havia qualquer tipo de mediação de leitura. Cabe ressaltar que aqui, a mediação de leitura foi explicada aos participantes como qualquer forma de aproximar o aluno da leitura, mesmo que ela se desse apenas pela questão do afeto com o professor/bibliotecário.

É interessante apontar que na maior parte das respostas que afirmaram ter o bibliotecário como mediador de leitura (ou nos casos em que se afirmou ser o bibliotecário responsável pelo espaço da biblioteca escolar), os sujeitos apontaram de forma positiva a atuação desse profissional, mostrando que de forma geral desempenharam bem o papel de intermediário entre livro e leitor.

Gráfico 1 – Mediação de Leitura: profissional atuante



Fonte: Martinato (2017).

Aqui, vale ressaltar quando no referencial teórico foi apontado que o bibliotecário deve ter papel ativo na vida dos alunos e da comunidade escolar, incentivando a prática cultural, organizando e desenvolvendo projetos a fim de conquistar novos leitores, a mediação entra como um desses papéis a serem desempenhados e, provavelmente, um dos mais importantes, já que é através da mediação que o aluno poderá fazer a ligação entre escola e espaço onde vive, além do currículo escolar fazer sentido quando trazido para a realidade desse aluno. Nesse sentido, o bibliotecário atua se utilizando de uma de suas competências, que é instigar os alunos a descobrir, pesquisar e desenvolver o conhecimento.

Questão 5 – As suas necessidades de busca eram satisfeitas na biblioteca ou você tinha que buscar outros meios para obter as informações necessárias? Alguém auxiliava nas buscas? De que forma?

Sujeito 1 – *Era suficiente. A pessoa encarregada indicava os livros, sim. Sempre conseguia algum material.*

Sujeito 2 – *Em geral, eu conseguia encontrar na biblioteca do Ensino Médio as informações que precisava para trabalhos, mas também consultava outras fontes. As atendentes ajudavam se estivessem disponíveis para ajudar nas buscas e eu costumava auxiliar colegas.*

Sujeito 3 – *Lembro que sempre saía satisfeita da biblioteca, e professor sempre me dava dicas para escolher os livros.*

Sujeito 4 – *Normalmente o professor ajudava e era encontrada a informação.*

Sujeito 5 – *Como a biblioteca do Ensino Médio era grandinha eu tinha mais facilidade para encontrar o material necessário e no Ensino Fundamental os professores não solicitavam pesquisa na biblioteca. Mas no Ensino Médio tinha quem auxiliasse e sempre encontrava os materiais necessários.*

Sujeito 6 – *Sendo bem franca, poucas vezes fui a biblioteca para realizar pesquisa, ou pelo menos com essa intenção. Quando ia fazer tarefas de aula normalmente eu usava o livro que era adotado e o caderno com as matérias de aula, quando precisava de mais informações normalmente eu já sabia onde buscar na própria bibliotecas, mas sim tinha alguém que auxiliava se fosse necessário. Isso na escola de Ensino Fundamental, no colégio de Ensino Médio nunca precisei fazer pesquisa, pois normalmente os trabalhos eram em grupo e sempre tinha algum colega que tinha acesso a internet em casa, fazia a pesquisa, trazia para nós e a gente montava.*

Sujeito 7 – *As buscas eram realizadas na escola ou através dos livros didáticos e não havia ninguém para auxiliar além do professor. Mas no geral conseguia o que queria.*

Sujeito 8 – *Nunca tive problema, todas as minhas demandas foram solucionadas. Quem me auxiliava era a bibliotecária ou a irmã [freira] que trabalha na biblioteca.*

Sujeito 9 – *Nem sempre nossas necessidades eram atendidas. Algumas vezes necessitávamos recorrer a biblioteca pública da cidade para conseguirmos livros mais especializados em alguns conhecimentos específicos. Nem sempre contávamos com auxílio nas buscas dentro da biblioteca escolar, mas quando havia acabavam nos mostrando apenas enciclopédias.*

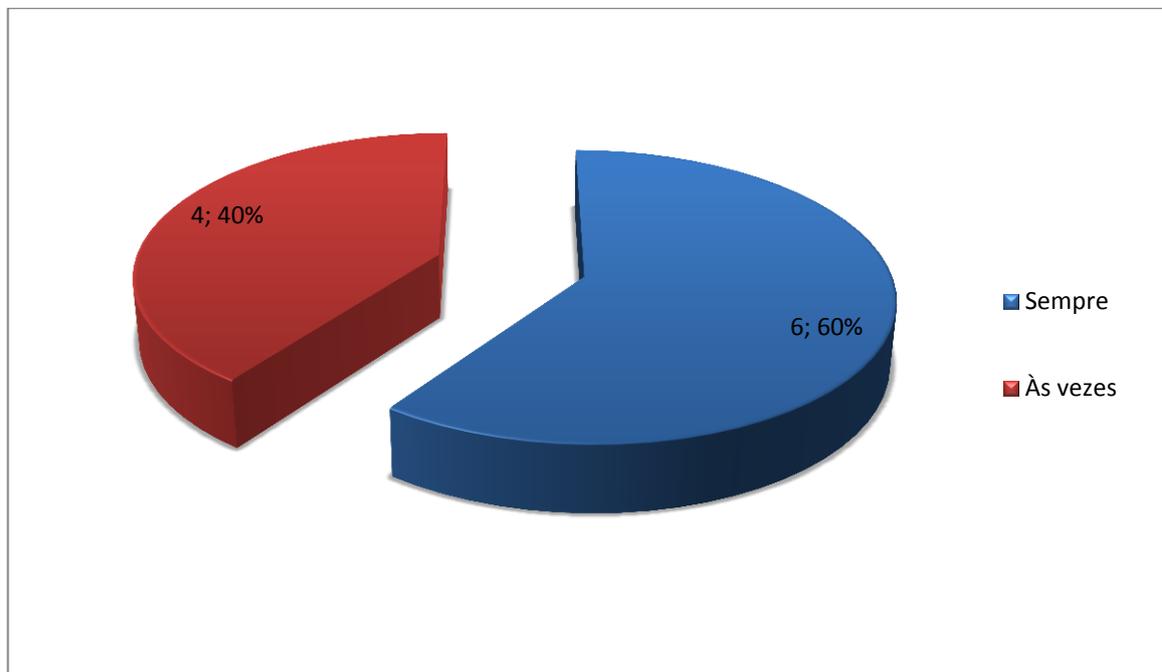
Sujeito 10 – *Na maioria das vezes as minhas necessidades eram sim sanadas, em ambas as bibliotecas. A biblioteca da escola pública era mais "procura aí, deve tá nessa estante", não tinha muito um auxílio nas buscas e as vezes tínhamos pouco tempo para procurar, o bibliotecário não deixava ficar muito tempo no acervo, o qual ficava atrás de um balcão, era como se fosse uma porta e ele o porteiro.*

Ao contrário da escola particular, onde a bibliotecária ajudava a procurar e se não achássemos ela dava um jeito de nos ajudar de outra forma, na internet, em revistas, em livros de outras bibliotecas, era difícil sairmos de mãos vazias do local. Realmente era um contraste de bibliotecas e bibliotecários. Não tenho do que me queixar da biblioteca na escola particular, sempre foi muito útil para todos.

Análise da questão 5:

Com relação ao atendimento das necessidades informacionais, 06 (seis) sujeitos informaram que elas sempre foram atendidas, independente se era por professor, bibliotecário ou outra pessoa ligada à escola e; 04 (quatro) pessoas afirmaram que essas necessidades eram atendidas em partes ou às vezes (Gráfico 2). Dos sujeitos que informaram haver bibliotecário na escola que estudavam, todas afirmaram que as necessidades informacionais eram atendidas sempre. Nenhum sujeito afirmou nunca ter suas necessidades informacionais supridas.

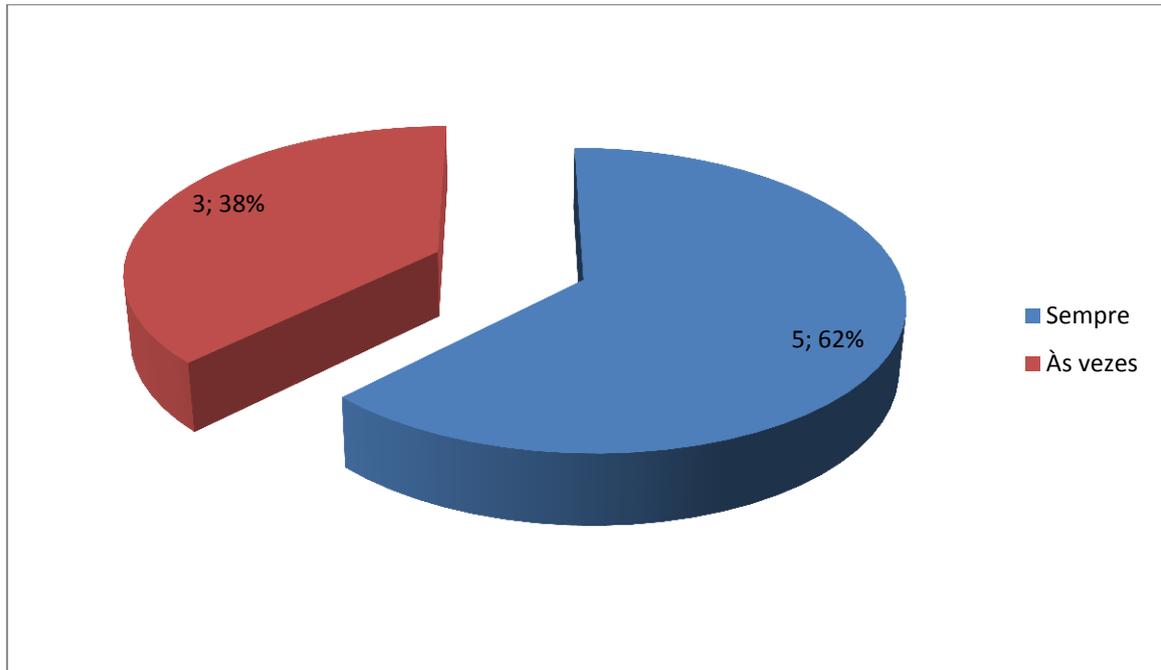
Gráfico 2 – Nível de Satisfação para as Necessidades Informacionais



Fonte: Martinato (2017).

Já com relação ao auxílio prestado na biblioteca quando era necessário buscar algum material, nenhum sujeito afirmou não dispor de nenhum tipo de ajuda, mesmo que não viesse necessariamente pelo responsável pela biblioteca, sendo que: 08 (oito) pessoas obtinham auxílio sempre que necessário, das quais 05 (cinco) através da própria biblioteca e 03 (três) eram provenientes dos professores das disciplinas e ; 02 (duas) pessoas afirmaram que tinham auxílio somente às vezes (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Frequência no Auxílio às Buscas de Materiais na Biblioteca



Fonte: Martinato (2017).

Apesar de todos os sujeitos deste estudo afirmarem que tiveram sempre suas necessidades informacionais supridas, com relação à frequência no auxílio à busca de materiais parte desses sujeitos afirmaram não dispor de nenhuma ajuda. O ponto positivo, se é que se pode ver dessa forma, é que quase todos os casos onde havia bibliotecário responsável pela administração da biblioteca também havia auxílio nessas buscas. Isso mostra que, além dos materiais das bibliotecas estarem de acordo com as necessidades dos alunos, os bibliotecários também cientes de seu papel e sua influência no desenvolvimento da comunidade escolar, adaptando seus conhecimentos às necessidades curriculares e informacionais.

Questão 6 – Você encontrava os livros que gostava de ler na(s) biblioteca(s) da(s) escola(s) que estudou?

Sujeito 1 – Sim.

Sujeito 2 – Sim.

Sujeito 3 – *Sim, na verdade eu sempre ia procurar um livro aleatório, eu não tinha nada em mente, então ficava bem indecisa.*

Sujeito 4 – *Que eu lembre, sim.*

Sujeito 5 – *No Ensino Médio existia uma parte muito concorrida que eram os livros de literatura mais novos tinha Harry Potter, Senhor dos Anéis, etc. Além disso tínhamos literaturas clássicas como Erico Veríssimo, Machado de Assis, Basílio da Gama, etc.*

Sujeito 6 – *Como falei na outra questão, meu pai comprava vários livros para mim, então nunca senti necessidade de fazer empréstimo de livros na biblioteca. Na verdade, nunca cheguei a me preocupar se tinha livros que eu gostaria de ler em nenhuma delas.*

Sujeito 7 – *Sim*

Sujeito 8 – *Eu sempre tive sorte, minha mãe é bibliotecária então sempre tive acesso a literatura, mas todos os livros de RPG eu pegava na biblioteca.*

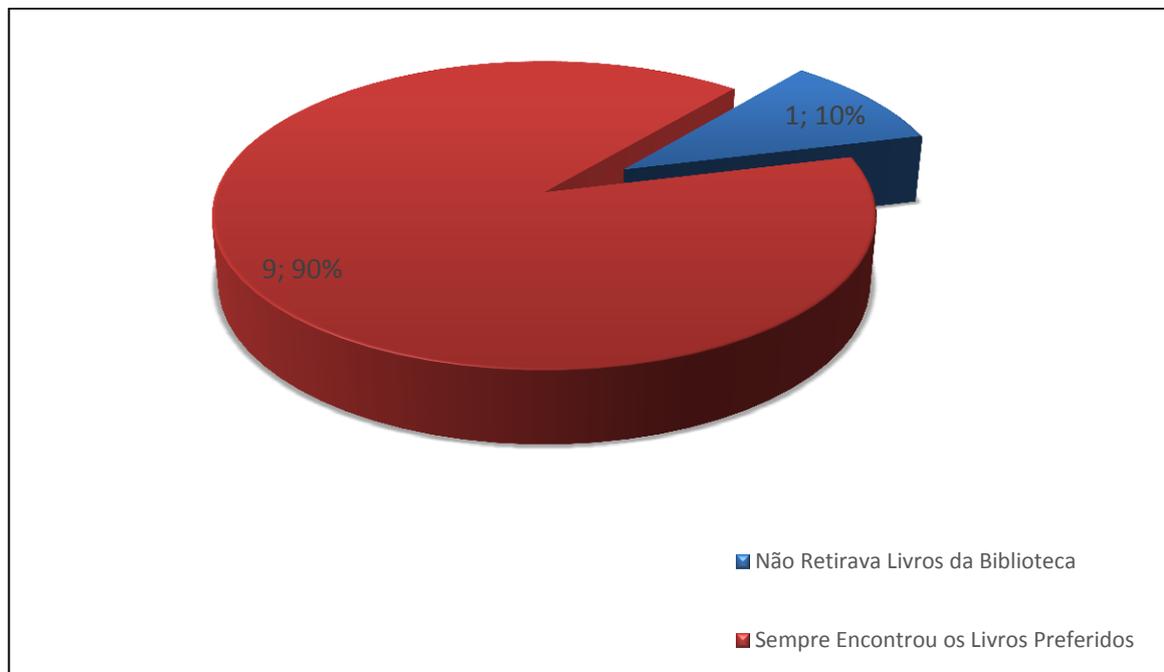
Sujeito 9 – *Sim. Por mais que a biblioteca fosse pertencente a uma escola estadual, de periferia do interior do estado, ela possuía um acervo bem interessante de literatura. Não sei qual a procedência do acervo, mas raramente fiquei sem ter o que ler.*

Sujeito 10 – *Na biblioteca da escola particular sempre encontrei; mas na biblioteca da escola pública eu quase não retirava livros para ler, sempre que queria ou precisava ia na biblioteca municipal, uma vez que, na escola pública ou havia livros velhos e extraviados ou não tinha o que era do nosso gosto.*

Análise da questão 6

De todos os sujeitos, 09 (nove) sujeitos afirmaram que encontravam os livros que gostavam de ler, sendo que os dois sujeitos restantes afirmaram que não retiravam livros na biblioteca da escola por disporem dos mesmos em casa. Dessa forma, o grande ponto positivo é que, sendo escola particular ou pública, ficou evidente que no Ensino Fundamental e Médio os desejos de leitura dos sujeitos deste estudo foram atendidos de forma satisfatória. Por isso, assim como na questão anterior foi constatado o atendimento às necessidades informacionais dos alunos de forma satisfatória, percebe-se também que os desejos informacionais foram atendidos, até mesmo em proporção maior. Isso é um indicativo de uma equipe comprometida com o atendimento à comunidade escolar, tendo novamente o bibliotecário papel fundamental nessas escolhas, já que em todos os casos ele teve destaque. No caso do sujeito 8, é impossível não ressaltar que sua mãe é bibliotecária, o que de alguma forma influenciou em suas ações como usuário da biblioteca escolar.

Gráfico 4 – Frequência Com Que Encontrava os Livros Preferidos



Fonte: Martinato (2017).

Questão 7 – Qual livro foi o mais significativo para você enquanto usuário da(s) biblioteca(s) escolar(es) de onde estudou? (se não houve livros significativos na biblioteca, por favor, escreva "não houve")

Sujeito 1 – *Os livros da Coleção Vagalume.*

Sujeito 2 – *“O Universo numa Casca de Noz”, de Stephen Hawking.*

Sujeito 3 – *Não houve, não consigo lembrar.*

Sujeito 4 – *O livro “Clarissa e Música ao Longe”, a partir daí me apaixonei pela leitura e por Érico Veríssimo.*

Sujeito 5 – *Acho que os livros Clarissa, Música ao longe e Um lugar ao sol, todos do Erico Veríssimo. Li todos a pedido do professor de literatura, ele nos dava uma lista e podíamos escolher qual iríamos ler.*

Sujeito 6 – *Não houve.*

Sujeito 7 – *Romeu e Julieta*

Sujeito 8 – *Não lembro o nome da coleção, mas eram os livros de RPG.*

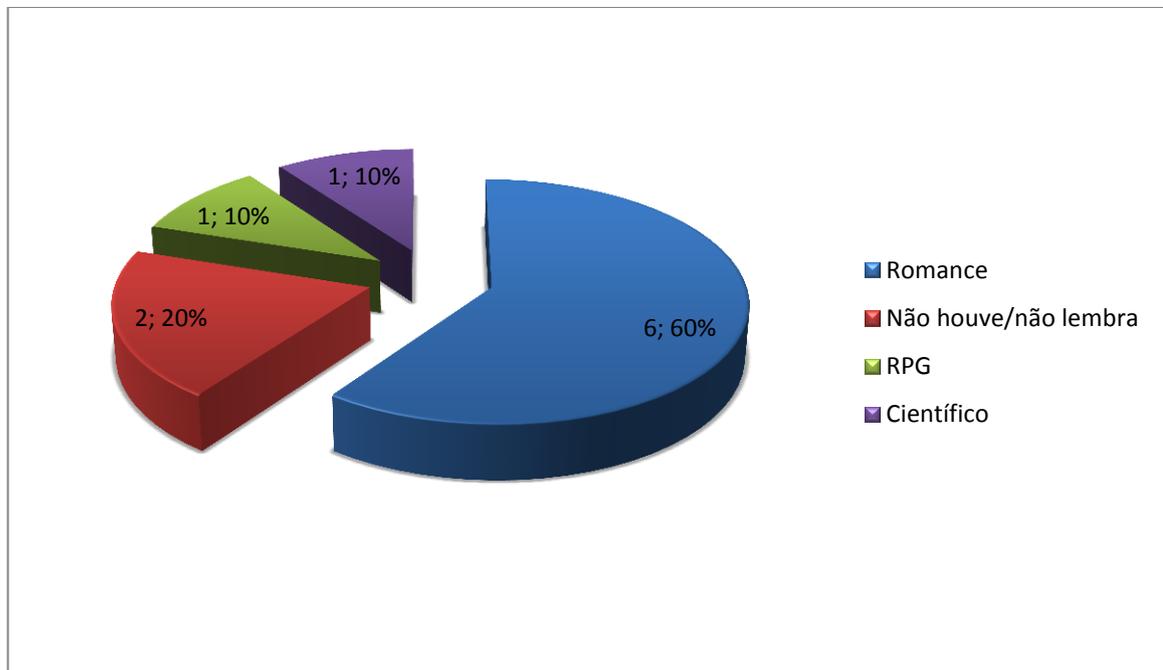
Sujeito 9 – *Existe um livro que até hoje não me recordo do nome, entretanto foi muito significativo, tanto que lembro da história até hoje. Desde a infância gosto muito de literatura fantástica e este livro contava a história de um grupo de meninos que acabavam descobrindo que seu vizinho era um mago do tempo e eles tentavam descobrir como ele controlava o tempo.*

Sujeito 10 – *O livro Doze horas de terror de Marcos Rey ; ou Descanse em paz meu amor, ou a série Os Karas, ou Agora estou sozinha, todos de Pedro Bandeira (desculpa é difícil escolher). Todos esses livros eram retirados na biblioteca da escola particular.*

Análise da questão 7:

Conforme as respostas acima, percebe-se que grande parte dos sujeitos tiveram os livros de romance como os mais marcantes em suas trajetórias. Apenas 02 (dois) sujeitos informam não lembrar ou não haver um livro significativo e 02 (dois) afirmaram gosto por outro tipo de literatura que não romance (um com livro de RPG e o outro com livro científico).

Gráfico 5 – Classificação dos Livros significativos Durante a Trajetória Escolar dos Sujeitos



Questão 8 – A(s) biblioteca(s) da(s) escola(s) que você estudou contribuiu (contribuíram) para a escolha do curso de Biblioteconomia para sua atuação profissional? De que forma? (descreva mesmo que sua experiência com bibliotecas escolares tenha sido negativa)

Sujeito 1 – Não contribuiu.

Sujeito 2 – As bibliotecas escolares das escolas em que estudei (Colégio Vicentino Santa Cecília e Instituto Marista de Viamão) contribuíram para escolher o curso de

Biblioteconomia, pois cresci tendo a experiência de que as bibliotecas escolares (e, posteriormente, as universitárias) são espaços "mágicos" e acolhedores. Realmente, através dos livros encontramos grandes pensadores da humanidade, bem como "viajamos" para lugares fantásticos e podemos viver, pelas histórias, romances, aventuras e mistérios, o que me fascinava quando criança (e ainda me fascina). Além disso, quando criança, percebia a biblioteca como um espaço tranquilo e seguro - em oposição ao "caos" que reinava no pátio durante os intervalos (os "recreios") - e frequentemente buscava refúgio entre as prateleiras ordenadas e as atendentes calmas e gentis. Creio que a biblioteca escolar, tanto do Ensino Fundamental e do Ensino Médio moldaram de forma profunda minha personalidade e instigaram minha curiosidade, criatividade e empatia.

Sujeito 3 – *Na verdade não, elas incentivavam, mas não era tão gritante.*

Sujeito 4 – *Na verdade não, o que realmente me fez buscar este curso foi o amor pelas leituras e livros. Mas a lembrança da biblioteca escolar me faz gostar mais ainda.*

Sujeito 5 – *A biblioteca do Ensino Médio me influenciou positivamente. Porém agora no curso vejo a falta que a biblioteca do Ensino Fundamental faz em uma criança, muitas crianças deixam de ser leitoras por causa dessa deficiência. Atualmente penso em trabalhar mais com os futuros leitores.*

Sujeito 6 – *Não contribuíram, nem positivamente, nem negativamente. Quando era adolescente não fazia ideia do que um bibliotecário fazia (na verdade até começar a trabalhar na área eu não fazia ideia do que um bibliotecário fazia!), se eu fosse me basear pela minha experiência de usuária em bibliotecas escolares e públicas que já frequentei eu não teria escolhido essa profissão simplesmente por não saber do que se tratava e porque em alguns lugares não existe um atendimento decente. Pra ser franca eu acho que "caí" aqui de paraquedas!!*

Sujeito 7 – *Escolhi o curso mais pela afinidade com a leitura em si e não pelas bibliotecas, pois eram pouco divulgadas e não eram lugares muito atrativos.*

Sujeito 8 – *Não contribuiu para escolha do curso, mas contribuiu para continuar no curso. Isso devido a professora Lizandra, que conheci quando era pequeno e depois fui reencontrar na faculdade. Com isso me mostrando a importância do bibliotecário na formação não só do leitor, mas sim do ser humano.*

Sujeito 9 – *Desde de muito cedo fui incentivado a ler pelos meus pais, principalmente minha mãe, que até hoje é ávida pela leitura. Mas a biblioteca da escola também foi um fator relevante, pois eu me sentia muito bem naquele espaço. Muitos dos intervalos (ou recreio) da escola eu passava na biblioteca, seja para sentar e ler, conversar com os amigos ou para retirada de livros. Acredito que estes foram os dois fatores importantes para que hoje eu esteja cursando o curso de biblioteconomia.*

Sujeito 10 – *De início não. Na verdade esse curso caiu de para-quedas na minha vida, não houve algo que me impulsionasse, apenas escolhi ele, não pensei em outros cursos. Mas hoje em dia eu vejo que pode ser sim que de alguma forma, talvez no meu inconsciente eu tenha feita essa escolha por causa das minhas experiências como usuária nas bibliotecas da cidade onde moro. Em Sapiranga a valorização das bibliotecas é muito precária, não há aquela cultura do ler e descobrir o novo. É claro que há sim exceções, mas são nas escolas particulares. No fundo o fato de eu estar nesse curso foi por causa de eu querer algo melhor para as pessoas, tentando transmitir informação, gerar conhecimento, e tirar o país da barbárie.*

Análise da questão 7:

Boa parte dos sujeitos afirmaram que as bibliotecas escolares não influenciaram em sua escolha pelo Curso de Biblioteconomia, sendo que apenas 03 (três) identificaram a influência sofrida pela experiência nesses espaços. Ainda assim, vale ressaltar que, em vários dos relatos, há informações carregadas de afetividade pela biblioteca escolar, o que leva a entender que, inconscientemente, elas tiveram algum tipo de influência na escolha para formação profissional. É

necessário entender que não é o espaço biblioteca que de fato influencia, mas as ações praticadas a partir dela ou do profissional que nela trabalha.

É importante também destacar que, em alguns casos, a biblioteca pode não ter influenciado diretamente na escolha pelo curso, mas foi fator fundamental para a permanência nele. Da mesma forma, em outros casos, foi justamente a experiência negativa que instigou a escolha no curso, justamente para modificar o estereótipo de bibliotecário, assim como de bibliotecas que parecem (e em algumas vezes de fato são) inacessíveis.

10 RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse estudo, podemos responder aos objetivos que foram propostos. Assim, elenca-se os objetivos específicos novamente a fim de respondê-lo através das informações obtidas pela entrevista aplicada aos sujeitos.

- a) Identificar os serviços oferecidos pelas bibliotecas onde os acadêmicos de Biblioteconomia da UFRGS entrevistados estudaram que contribuíram em sua formação** – identificou-se que a contação de histórias por professor/bibliotecário, o auxílio nas buscas dentro da biblioteca, a roda de histórias, a visita de autores e, apesar de não ser propriamente um serviço, a disponibilização de livros de lazer condizentes com o interesse dos alunos, teve grande influência em suas escolhas profissionais e/ou contribuíram para permanência no curso.
- b) Interagir com os sujeitos dos estudo por meio de entrevista para coleta de dados** – essa foi, de fato, o instrumento de coleta de dados utilizado para obtenção das respostas e o que respaldou as análises.
- c) Analisar as motivações encontradas por eles para a escolha do curso** – em alguns casos, a experiência negativa influenciou positivamente para a escolha do curso. O fato de uma biblioteca nem sempre disponível, com um acesso limitado ou de um responsável pela biblioteca nem sempre bem preparado a atender às demandas dos alunos em suas mais diversas faixas etárias, fez com que alguns alunos conseguissem criar representações negativas, mas, ainda assim, conseguiram se desvencilhar dessa visão para que pudessem modificar esse pensamento (pelos mais diversos motivos) e optaram em cursar Biblioteconomia.

Em outros casos, a experiência positiva é que influenciou a escolha pelo curso. Seja pela biblioteca dispor dos livros preferidos, seja pelo auxílio na biblioteca em busca do material para um trabalho escolar, sejam pelas

atividades e projetos desenvolvidos para estímulo à leitura, como a hora do conto, o bibliotecário nesta pesquisa teve papel fundamental em diversos relatos positivos.

d) Avaliar os contrastes e contribuições das bibliotecas escolares na opção pela Biblioteconomia – os maiores contrastes observados é que a escola de ensino privado, seja por qual motivo for, ainda investe mais no trabalho de um bibliotecário formado do que escolas da rede pública de ensino. Ainda assim, verificou-se que as escolas públicas que dispunham de bibliotecário, também ofereceram relatos positivos no que tange a atuação deste profissional. Outro contraste observado, é que os relatos da rede pública de fato positivos, são provenientes, em sua maioria, da experiência obtida no Ensino Médio, o que infelizmente ainda muitas pessoas não chegam a esse estágio do ensino.

Outro destaque é a contribuição que os projetos desenvolvidos para estímulo à leitura tiveram na escolha do curso pelos sujeitos, ao ponto que mesmo, em alguns casos, passados alguns anos, os relatos foram tão detalhados de forma que pareciam ter passado apenas alguns dias dessas experiências.

Com isso, temos elementos suficientes para responder ao objetivo geral deste trabalho que é verificar o significado atribuído pelo aluno durante a formação escolar como motivação para o curso de Biblioteconomia através das narrativas de experiências como usuários de bibliotecas escolares. Dessa forma, pode-se afirmar, conforme já respondido nos objetivos específicos, que apesar de algumas experiências em biblioteca escolar, principalmente do Ensino Fundamental da rede pública de ensino, ter sido um tanto negativa, esses alunos conseguiram ainda assim chegar à Universidade e, ainda por cima, fazer a escolha pelo curso que poderia ser um dos últimos a ser pensado justamente por conta dessa experiência negativa. Ainda assim, os relatos foram recheados de informações positivas e de lembrança muito afetivas sobre as experiências obtidas na biblioteca. Seja pela bibliotecária que se fantasiava de bruxa para contar histórias, seja por fazer roda para que os alunos contassem histórias, a biblioteca foi em muitos casos um

ambiente agregador e o responsável por ela o agente que fez essa integração realmente acontecer.

Justamente pelos motivos apresentados acima, podemos responder que a representação da biblioteca escolar aos alunos do curso de Biblioteconomia da UFRGS para a escolha profissional dos mesmos é que, em vários casos, a influência se mostra claramente inconsciente. Isso porque extraindo tantos relatos afetivos sobre a biblioteca ou mesmo com relação ao próprio responsável pela administração desse espaço, é quase que impossível acreditar que não houve influência na escolha pelo curso, já que o curso por si só não tem quase divulgação (se compararmos às Engenharias, Medicina, Direito, etc.). Ainda, podemos verificar que parte dos sujeitos entrevistados, apesar de já terem formação superior em outra área, optaram pela Biblioteconomia, em sua maioria, devido à paixão pela leitura (quase um pré-requisito intrínseco ao curso), mas é evidente que a permanência não se dá apenas por gostar de ler, é necessário que alguém tenha despertado esse gosto e, ainda, tenha transmitido experiência que se tornassem representações fortes o suficiente para redirecionar ou aprimorar suas vidas profissionais.

Por fim, é mais uma vez evidente que o papel agregador de um bibliotecário e de uma biblioteca escolar bem gerida pode realizar transformações incríveis nas percepções dos alunos e comunidade escolar. Quando esse profissional, com perfil para trabalhar junto às Escolas de Ensino Básico, tem a possibilidade de mostrar todo seu potencial (independente de questões financeiras disponíveis na escola) as representações são tão positivas e tão carregadas de carinho que todas as dificuldades enfrentadas, assim como o preconceito devido à estereotipação da profissão, é superado e dá mais gosto ainda pela carreira escolhida. São esses relatos que, infelizmente, muitas vezes nem chegam aos responsáveis por essas transformações é que motivam e mostram como o ser humano grava as experiências e toma elas de uma forma tão particular que, inclusive um experiência negativa, pode ser responsável por uma escolha motivada em melhorar justamente o que não se teve.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **A Leitura**: ação consciente e ação inconsciente. [Londrina?]: Info Home, abr. 2012. Disponível em: <http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=674>. Acesso em: 27 abr 2017.

_____. Leitura, Mediação e Apropriação da Informação. In: SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli. **Fazeres Cotidianos na Biblioteca Escolar**. São Paulo: Polis, 2006.

ARNAO, Magdalena. A distinção entre representação de palavra e representação de coisa na obra freudiana: mudanças teóricas e desdobramentos filosóficos. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 187-201, Dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516>. Acesso em: 05 de abr. 2017.

BARRETO, Cintia. Biblioteca escolar: ranços e avanços. **Portal Educação Pública**, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0190.html>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

BLATTMANN, Úrsula; CIPRIANO, Aline de Souza. Os diferentes Públicos e Espaços da Biblioteca Escolar: da pré-escola à universidade. In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, 21, **Anais**, 2005, Curitiba, 2005. Disponível em <<http://www.reocities.com/ublattmann/papers/p12.html>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

BELKIN, N. J.; ROBERTSON, S. E. Information Science and the phenomenon of information. **Journal of the American Society for Information Science**, Washington, v. 27, n. 4, p. 197-204, jul/ago. 1976.

BURKE, Peter. **Uma História do Conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

CUNHA, Murilo Bastos da. O papel do bibliotecário na sociedade brasileira. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 7-26, mar. 1978.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E BIBLIOTECAS. **Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar**. Traduzido por Neusa Dias de Macedo.. São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso: 10 set. 2016.

FONSECA, Leandro Guedes da *et al.* Contribuição das ciências cognitivas e da ciência da informação para representação da informação: proposta para utilização na construção de biblioteca virtual temática em saúde. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, [s.l.], p.87-109, 24 ago. 2012. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/1518-2924.2012v17nesp1p87>>. Acesso em: 12 set. 2016.

FOSTER, Gustavo. **Por que os brasileiros leem tão pouco?** 2015. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2015/04/por-que-os-brasileirosleem-tao-pouco-4735112.html>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

FRAGOSO, G.M. Biblioteca na Escola. **Revista ACB: Biblioteconomia**, Santa Catarina, v. 7, n. 1, 2002. Disponível em: <<https://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/380/460>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v.2, mar./abr., p.57-63, 2007. Disponível em: <http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590_S0034-75901995000200008.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2016.

GRAÇA, Maria Fragoso. Biblioteca na Escola. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**. Florianópolis, v.7, n.1. p.124-131, 2002. Disponível em: <<https://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/380/460>>. Acesso em: 19 outubro 2016.

JOB, Yvone. Estudos Cognitivos e Representação do Conhecimento na Ciência da Informação. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**. Florianópolis, v.13,

n.2, p. 365-378, 2008. Disponível em:
<<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/568/690>>. Acesso em: 13 set. 2016.

KULTHAU, Carol Collier. O Papel da Biblioteca Escolar no Processo de Aprendizagem. In.: VIANA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Vitor Hugo Vieira. **Biblioteca Escolar: um espaço de ação pedagógica**. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999, p.9-14. Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1998, Belo Horizonte.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica** 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MAREN, Jean-Marie van de. **Méthodes de Recherche pour l'Éducation**. Montreal: Les Press de l'Université de Montréal, 1995.

MARTINATO, Sílvia Beatriz Machado. **Quadro 1 – Relação dos Sujeitos do Estudo e Suas Características**. Porto Alegre: FABICO/UFRGS, 2017.

_____. **Imagem 5 – Proporção de Sujeitos da Pesquisa com Formação Superior**. Porto Alegre: FABICO/UFRGS, 2017.

_____. **Diagrama 1 – Principal Finalidade de Utilização da Biblioteca Escolar**. Porto Alegre: FABICO/UFRGS, 2017.

_____. **Gráfico 1 – Mediação de Leitura: profissional atuante**. Porto Alegre: FABICO/UFRGS, 2017.

_____. **Gráfico 2 – Nível de Satisfação para as Necessidades Informacionais**. Porto Alegre: FABICO/UFRGS, 2017.

_____. **Gráfico 3 – Frequência no Auxílio às Buscas de Materiais na Biblioteca**. Porto Alegre: FABICO/UFRGS, 2017.

_____. **Gráfico 4 – Frequência Com Que Encontrava os Livros Preferidos**. Porto Alegre: FABICO/UFRGS, 2017.

_____. **Gráfico 5 – Classificação dos Livros Significativos Durante a Trajetória Escolar dos Sujeitos**. Porto Alegre: FABICO/UFRGS, 2017.
MILANESI, Luís. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil. Bibliotecas Escolares: uma trajetória de luta, de paixão e de construção da cidadania. In.: MORO, Eliane Lourdes da Silva *et.al* (Org.). **Biblioteca Escolar: Presente!** Porto Alegre: Evangraf, 2011.

PAIVIO, Allan. **Mental Representations: a dual coding approach**. Oxford: University Press, 1990. (Oxford Psychology Series – 9).

PIAGET, Jean. **Biologia e Conhecimento**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

RIO GRANDE DO SUL (Estado). **Indicação nº33, de 04 de junho de 1980**. Indica medidas para a organização e o funcionamento de bibliotecas nas escolas de 1º e 2º graus do Sistema Estadual de Ensino. Sindicato dos Professores do RS (Sinpro/RS), Porto Alegre. Disponível em: < http://www.sinpro-rs.org.br/arquivos/legislacao/Indica%C3%A7%C3%A3o_CEEed_33_1980.pdf>. Acesso em 05 jun. 2017.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectiva em Ciências da Informação**. Belo Horizonte, v.1, n.1, p.41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/568/690>>. Acesso em: 12 set. 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA). Diretoria de Comunicação (DCOM). **UFLA entre as TOP 10 do Brasil pelo IGC/MEC**. 2017. Disponível em: <<http://www.ufla.br/ascom/2017/03/08/ufla-tem-conceito-de-excelencia-no-igcmec-3a-de-minas-e-9a-no-brasil/>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

(a)UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Histórico**. [s.d]. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/a-ufrgs/historico>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

(b) UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Fabico. **Histórico**. [s.d.] Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/fabico/a-fabico/historico>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

VÁLIO, Else Benetti Marques. Biblioteca Escolar: uma visão histórica. **Transinformação**. Campinas, v. 2, n. 1, p.15-24, abr. 1990. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/biblio_esc.pdf>. Acesso em: 10 set. 2016.

VASCONCELLOS, Jorge Luís Cruz de; OLIVEIRA, Ricardo Vigolo de. Representações Mentais: uma abordagem cognitivista. **Revista de Saúde Mental em Foco do CESUCA**. Cachoeirinha, v.1, n.1, p.1-10, 2012. Disponível em: <<http://ojs.cesuca.edu.br/index.php/saudementalemfoco/article/view/19/16>>. Acesso em: 10 set. 2016.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

APÊNDICE A – Roteiro da Entrevista Semiestruturada

1. Como era(m) a(s) biblioteca(s) escolar(es) onde você estudou no Ensino Fundamental e no Ensino Médio? Ela(s) ficava(m) aberta(s) e o acesso aos alunos era livre (ou só podia entrar acompanhado de um professor ou responsável)? Você lembra se havia um bibliotecário responsável pela gestão do espaço?
2. Você frequentava a(s) biblioteca(s) escolar(es) da(s) escola(s) que você estudou? Se sim, você a(s) utilizava mais para consultar ou para empréstimo de livros?
3. Você recorda se haviam projetos de ações ou estímulo à leitura na(s) escola(s) que você estudou? Se sim, conte um pouco sobre ele(s).
4. Qual a sua lembrança do mediador de leitura na(s) biblioteca(s) da(s) escola(s) que você estudou? (se não houve, fale sobre a pessoa que cuidava da biblioteca)
5. As suas necessidades de busca eram satisfeitas na biblioteca ou você tinha que buscar outros meios para obter as informações necessárias? Alguém auxiliava nas buscas? De que forma?
6. Você encontrava os livros que gostava de ler na(s) biblioteca(s) da(s) escola(s) que estudou?
7. Qual livro foi o mais significativo para você enquanto usuário da(s) biblioteca(s) escolar(es) de onde estudou? (se não houveram livros significativos na biblioteca, por favor, escreva "não houve")
8. A(s) biblioteca(s) da(s) escola(s) que você estudou contribuiu (contribuíram) para a escolha do curso de Biblioteconomia para sua atuação profissional? De que forma? (descreva mesmo que sua experiência com bibliotecas escolares tenha sido negativa)

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

A presente pesquisa contempla o Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FABICO/UFRGS) e se propõe a entrevistar e transcrever as respostas dos alunos do curso de Biblioteconomia da UFRGS, localizado em Porto Alegre, que estão matriculados no 1º e 6º semestres. Pretende-se, com isso, verificar *qual a representação da biblioteca escolar para a escolha do Curso de Biblioteconomia na formação profissional dos alunos de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul através de suas vivências de leitura como usuários da biblioteca de suas respectivas escolas de Ensino Fundamental e de Ensino Médio?*

Para este fim, os sujeitos serão entrevistados através de um planejamento (entrevista semiestruturada). Os dados e resultados individuais desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado.

A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa participante. Se no decorrer desta pesquisa o(a) participante resolver não mais continuar terá toda a liberdade de o fazer, sem que isto lhe acarrete nenhum prejuízo.

Os pesquisadores responsáveis por esta pesquisa são; a aluna Sílvia Beatriz Machado Martinato (Graduanda em Biblioteconomia pela FABICO/UFRGS) e a professora Doutora Eliane de Lourdes da Silva Moro (FABICO/UFRGS) que se comprometem a esclarecer devida e adequadamente quaisquer dúvidas que eventualmente o participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente através do telefone (051) 985519087 ou pelo e-mail martinatosilvia@gmail.com.

Após ter sido devidamente informado(a) de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu, manifesto expressamente minha concordância e meu consentimento para realização da pesquisa descrita acima.

Assinatura do participante e número da Carteira de Identidade